

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

MARIA LUCENA FEIL

**OS DONS DO ESPÍRITO:  
FENÔMENO DO CARISMATISMO EM CORINTO  
E EM NOSSO CONTEXTO ECLESIAL**

São Leopoldo

2012

**MARIA LUCENA FEIL**

**OS DONS DO ESPÍRITO:  
O FENÔMENO DO CARISMATISMO EM CORINTO  
E NO NOSSO CONTEXTO ECLESIAL**

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa:  
Leitura e Ensino de Bíblia

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F297d Feil, Maria Lucena

Os dons do espírito: o fenômeno do carismatismo em Corinto e no nosso contexto eclesial / Maria Lucena Feil ; orientador Verner Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.

70 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Bíblia. N. T. Coríntios, I 12-14 – Crítica, interpretação, etc. 2. Espírito Santo – Ensino bíblico. 3. Dons espirituais. 4. Pentecostalismo. 5. Renovação Carismática Católica. I. Hoefelmann, Verner. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

## RESUMO

Corinto, a terceira maior cidade do Império Romano, era constituída por muitos povos, culturas, filosofias, religiões, estilos de vida, e reconhecida como a mais helenista das cidades do NT. Era uma cidade cosmopolita mediada pela elite, dominada pelo poder estrangeiro, intelectualmente viva, materialmente próspera e moralmente corrupta. O ideal dos coríntios era o desenvolvimento do indivíduo. A cidade, reconstruída em 44 a C, foi repovoada por veteranos, pessoas de classes mais baixas, libertos vindos de Roma, deserdados romanos, escravos, apartados das comunidades de apoio e das suas tradições que constituíam suas identidades. O sistema dominante era o patronato escravagista. Corinto era submetida a Roma e tinha o latim como língua oficial. Nela se consolidaram os cultos místéricos. A comunidade cristã de Corinto contrapõe-se ao contexto como sociedade alternativa. Os dons e carismas do Espírito tornam-se a discussão fundamental, conforme 1Cor 12-14. Paulo põe-se em defesa dos carismas da edificação e submete os demais dons à *agape*. O Deus Uno e Trino constitui o fundamento dos carismas, que na unidade do seu ser age e distribui a diversidade de carismas e dons, a fim de suprir as necessidades do povo de Deus. Os fenômenos carismáticos / pentecostais testemunham as guerras, as migrações em massa, as calamidades, as mudanças sociais, filosóficas e teológicas, os contextos históricos que implicam profundas mudanças no ser e na comunidade humana. O êxtase marca a história ao longo dos séculos, sendo também uma das expressões do catolicismo atual, das igrejas históricas, bem como a diversidade de igrejas pentecostais e enfoques teológicos.

Palavras-chave: Dons e Carismas do Espírito. *Agape*. Carismáticos

## ABSTRACT

Corinth, the third largest city of the Roman Empire, was constituted by many peoples, cultures, philosophies, religions, lifestyles, and known as the most Hellenistic cities of the NT. It was a cosmopolitan city mediated by the elite, dominated by foreign powers, intellectually alive, materially prosperous and morally corrupt. The ideal of the Corinthians was the development of the individual. The city reconstructed in the 44th C, was populated by veterans, people of lower social classes, freed from Rome, disinherited Roman slaves, apart from supportive communities and traditions that constitute their identities. The patronage was the dominant system of slavery. Corinth was submitted to Rome and had Latin as official language. It was consolidated the mystery cults. The Christian community in Corinth opposed to the context as an alternative society. The gifts and charisms of the Spirit become a fundamental discussion, as 1 Cor 12-14. Paul points out in defense of the charisms of the building and submit the other gifts to the agape. The Triune God is the foundation of the charisms which the unity of his acts and be distributes a diversity of charisms and gifts in order to meet the needs of the people of God. The phenomena charismatic / Pentecostal witness wars, mass migrations, natural disasters and the social, philosophical and theological, historical contexts that involve profound changes in the being and the human community. The ecstasy marks the history over the centuries and is also one of the expressions of Catholicism today, the historic churches, as well as the diversity of Pentecostal churches and theological approaches.

Keywords: gifts and charisms of the Spirit. Agape. Charismatics.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	8
<b>I - Corinto: uma Metrópole do Império Romano</b>	10
1 – Introdução	10
2 - Corinto: a cidade	11
2.1 – Um pouco da História	11
3 – Características Urbanas	13
4 – Organização econômica e social da cidade	14
4.1 – A casa: unidade de produção	15
4.2 – Setor sócio econômico de produção	15
4.2.1 - Escravos	16
4.2.2 – Libertos	17
4.2.3 – Livres	17
4.3 – Associações e confrarias	18
4.4 - As mulheres na sociedade de Corinto	19
5 - A vida religiosa em Corinto: novidade de diversidade	19
5.1 – Religiosidade popular helenista	20
5.2 – Judaísmo	21
5.3 – Seitas filosóficas populares	21
6 – Paulo e a Igreja de Corinto	22
7 – Patronato na Corinto Romana	22
8 – A Igreja de Corinto: uma sociedade alternativa	25
9 – Concluindo o Capítulo	27
<b>II – Dons e Carismas do Espírito</b>	
1 – Introdução	28
2 - Os Dons do Espírito 1 Cor 12	29
2.1 – Apresentação 12,1-3	30
2.2 - O caráter dos dons espirituais: diversos e complementares: 12, 4-31	31
2.2.1 - Diversidade de dons, unidos em sua fonte 12, 4-11	32
2.2.2 - Muitos membros em um só corpo: diversos e complementares 12,12-26	34
2.2.3 - Dons e serviços na Igreja / Diversidade de dons, pluralidade no serviço 12,27-31	36

3 - Hino do Amor 1Cor 13	37
3.1 - O Amor e os dons espirituais 13,1-13	38
3.1.1 - A excelência do amor 13,1-3	39
3.1.2 – As propriedades do Amor 13,4-7	40
3.1.3 - A permanência do amor 13,8-13	41
3.1.4 - A tríade na conclusão do hino: 1 Cor 13,13	43
4 – Profecia e Glossologia: 1 Cor 14	44
4.1 - O critério para avaliar os dons: a edificação de todos 14,1-19	44
4.1.1. – A profecia edifica 14,1-5	45
4.1.2 – O critério: a edificação de todos 14,6-19	46
4.2 - Exortação: sejam maduros em seus critérios 14,20	47
4.3 – O uso dos dons: 14,21-38	48
4.3.1 - Glossologia e missão 14, 21-25	48
4.3.2 - Ordem cultural e comunidade 14, 26- 38	49
4.3.3 - A questão das mulheres 14,34-36	51
4.3.4 – O uso dos dons e recomendações: 14, 36-40	53
5 – Ênfases teológicas 1 Cor 12 – 14	54
<b>III - Movimento Carismático</b>	
1 – Preliminares: Creio no Espírito Santo	55
2 – Renovação Carismática Católica	57
3 - As raízes vêm de longe e se diversificaram	63
4 - Pentecostalismo: Origem	65
5 – Em busca de um equilíbrio na Espiritualidade	66
6 – Concluindo	67
<b>Conclusão:</b>	70
Referências bibliográficas	72

## INTRODUÇÃO

O texto da conclusão do curso de Mestrado Profissional tem como objeto o desenvolvimento do tema: Dons e Carismas do Espírito a partir de 1 Cor 12-14. No propósito inicial nossa pretensão direcionava-se a exegese dos capítulos de 1 Cor 12-14. Nesta perspectiva, debruçamo-nos sobre as diversas tradições da Bíblia, como: Bíblia de Jerusalém, TEB (Tradição Ecumênica da Bíblia), Bíblia Vozes, Bíblia do Peregrino, Bíblia Edição Pastoral, Bíblia Latino Americana (espanhol), Novo Testamento Interlinear: Grego/ Português (que inclui o texto da Tradução de João Ferreira de Almeida – revista e atualizada no Brasil, segunda edição e, da Nova Tradução na Linguagem de Hoje).

Debruçando-nos sobre os diversos textos, percebendo as diversas núncias pela comparação das diversas versões, o que constituiu um exercício significativo no/ e para o decorrer do processo. Substituímos a proposta inicial para um comentário do texto Bíblico, em profunda conexão com a cidade Corinto e nela a comunidade cristã, com o objetivo e perspectiva de encontrar luzes que iluminem no presente momento, o Movimento Carismático e Pentecostal.

A questão religiosa de nossos dias intriga-nos profundamente em especial as profundas mudanças ocorridas nas últimas décadas no interior das igrejas cristãs históricas com o surgimento do Movimento da Renovação Carismática Católica e, seu surgimento no interior das demais Igrejas Cristãs históricas bem como o surgimento de inúmeras e diversificadas igrejas pentecostais. Com a intenção de compreender melhor o contexto e interagir com ele, debruçamo-nos sobre o fenômeno carismático pentecostal.

Inicialmente colhemos os dados referentes ao contexto da cidade de Corinto e da população, bem como dados referentes à comunidade cristã aí fundada pelo Apóstolo Paulo (capítulo I). No capítulo II com auxílio de diversos autores, buscamos a luz necessária na



compreensão do fenômeno não só pré-existente ao período Bíblico bem como ao longo da História do Cristianismo e, nos debruçamos sobre 1 Coríntios capítulos 12-14. Na contextualização conforme capítulo I, averiguamos as dificuldades próprias e específicas enfrentadas pela comunidade, dificuldades estas que interferem na compreensão e na vivência da proposta de Jesus Cristo. Por isso consideramos de fundamental importância situar a comunidade cristã em Corinto em seu ambiente cultural, religioso, social, político e econômico, para mostrar como elas influenciaram significativamente a vivência do cristianismo em seus primórdios.

Paulo escreveu em vista aos desafios, dificuldades e problemas vivenciados pela comunidade. Elas constituem o pano de fundo da carta e das orientações nos capítulos 12-14. Alias esses capítulos situados entre o capítulo 11 e 15 abordam problemas da Comunidade Cristã. Paulo “resgata a comunidade dos perigos em que incorre” em desviar-se da proposta de Cristo. A atitude decisiva do Apóstolo ilumina igualmente o contexto carismático e pentecostal de hoje que eclodiu nos inícios do século XX e mais intensamente nas últimas décadas. O fenômeno assemelha-se em muito ao vivenciado no início do cristianismo. Ele marcou presença em outros momentos da História e, hoje convivemos de forma intensa com a diversidade de expressão desse fenômeno já há algumas décadas por diversas denominações cristãs. O fenômeno desafia os estudiosos à pesquisa, a fim de que o compreendamos nos dias de hoje (capítulo III) e, à semelhança de Paulo, contribuamos em vista do melhor proveito para as igrejas e para a sociedade de hoje e de amanhã.

Movidas por este objetivo, buscamos informações em alguns dos muitos autores que se debruçam sobre o fato e o pesquisam, possibilitando-nos, além da compreensão do fenômeno, uma interação mais adequada com ele. O movimento carismático pentecostal constitui reação e chave de compreensão dos efeitos possíveis à modernidade e pós-modernidade; caracterizado como fenômeno que envolve as pessoas e as sociedades, tendo como efeito outros fenômenos culturais e sociais que atualmente atingem as sociedades.

# I - CORINTO: UMA METRÓPOLE DO IMPÉRIO ROMANO

## 1 – Introdução

A posição geográfica de Corinto lhe garantia prosperidade comercial, pois pelo seu istmo fluíam várias rotas comerciais, sobretudo entre a Itália e o Oriente. No início de sua reconstrução, seus habitantes eram romanos. A nova cidade recebe o *status* de colônia romana e para ela retornam gregos em grande número. A cidade atraía homens de muitas raças orientais, entre eles os judeus. O modo de pensamento e os hábitos gregos tornaram-se dominantes a ponto de constituírem a matriz das questões levantadas pela Comunidade e a maneira de Paulo abordá-las ao escrever aos Coríntios. De Corinto, diz Edwards:

“Das cidades gregas, a menos grega, era por esse tempo a menos romana das colônias romanas”. Era uma cidade onde “gregos, latinos, sírios, asiáticos, egípcios e judeus, compravam e vendiam, trabalhavam e folgavam, brigavam e se divertiam juntos, na cidade e nos seus portos, como em nenhuma outra parte da Grécia” (Parry p XII)<sup>1</sup>.

A velha Corinto favoreceu a reputação da nova Corinto. Na mente popular Corinto sugeria “cultura e cortesãs”. A expressão “palavras coríntias” implicava pretensões à filosofia e letras. A cidade “entrou no vocabulário grego: ‘*korinthiastes*’ (negociante Coríntio), cafetão; ‘*korinthiazesthai*’ (fazer-se de coríntio) ir a uma casa de tolerância”<sup>2</sup>. Mesmo assim a cidade gozava de prestígio; era populosa, afluía o comércio e a prosperidade; era capital da província da Acaia. Paulo foi pregar numa cidade cosmopolita, importante, intelectualmente viva, materialmente próspera, moralmente corrupta. E seus habitantes eram propensos a satisfazer seus desejos. Conforme Dobschütz: “O ideal dos coríntios era o atrevido desenvolvimento do

---

<sup>1</sup> MORRIS, Nanon Leon. *I Coríntios Introdução e Comentário*. São Paulo. Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão. 1981, p. 12.

<sup>2</sup> McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo. PAULUS. 1984, p. 188.

indivíduo; ao negociante o lucro a qualquer meio; ao amante de prazeres a luxúria, ao atleta o orgulho da sua força física. Esses ‘são os verdadeiros tipos coríntios’[...] ‘nenhum superior e nenhuma lei, senão os seus desejos’”<sup>3</sup>.

## 2 – Corinto: a cidade

A situação geográfica levou Paulo a evangelizar, pois Corinto era um centro pelo qual o Evangelho poderia irradiar-se a regiões vizinhas Pela “grande população flutuante” o que aí se apregoava era seguro de ampla divulgação. Ao extremo sul, “A la mitad de la península griega, tierra montañosa con frente a tres mares”<sup>4</sup>, ligada ao continente pelo Istmo de Corinto, encontra-se a cidade de Corinto. O Istmo - ponte de terra entre as partes da península grega - constituía uma barreira à navegação entre o Mar Egeu e o Mar Adriático. Em tempos do Império Romano, “Varios emperadores asumieron la tarea de abrir un canal transístmico”<sup>5</sup>.

Corinto não era cidade portuária. Os portos eram em Lequeo e Cencrea. Paulo conheceu Cencrea quando foi a Éfeso e para a Síria (At 18,18). Ao escrever de Corinto aos Romanos, menciona que aí há uma Igreja e uma líder Febe (Rm 16,1-2). Corinto era porto porque aí se negociava o transporte e a venda de mercadorias de ambos os mares; pagavam-se os impostos, as tarifas e aí aconteciam importantes contatos comerciais. No século primeiro o tráfico comercial, político e militar pelo Istmo de Corinto entre a Itália e Oriente cresceu e, com isso, Corinto recuperou e aumentou sua importância regional e internacional.

### 2.1 - Um pouco da História

Pode-se dividir a história da Corinto em duas épocas distintas separadas, pela destruição da cidade pelos exércitos de Roma em 146 a.C. Algumas descrições que se citam para caracterizar a cidade de Corinto não pertencem ao segundo período. Elas refletem um período anterior da sua história, como é o caso da sua reputação de cidade notoriamente

---

<sup>3</sup> DOBSCHÜTZ, apud MORRIS, p. 12.

<sup>4</sup> FOULKES, Irene. Problemas Pastorales en Corinto. Comentário exegético-pastoral a 1 Coríntios. San José, Costa Rica: DEI1996. p. 37 “à metade da península grega, terra montanhosa com frente a três mares” (Tradução nossa).

<sup>5</sup> FOULKES, “vários imperadores assumiram abrir um canal trans-ístmico” p. 37-38. (Tradução nossa).

imoral. Os atenienses do séc. IV a.C. caracterizavam a cidade vizinha, Corinto com termos depreciativos. Daí “corintizar” passou a significar “imoralidade sexual”. Também nesta época “se atribuía al templo de Afrodita en Corinto la presencia de un milhar de prostitutas dedicadas (...) culto e esta diosa de la fertilidad”<sup>6</sup>. Corinto “fue centro de arte y cultura, una ciudad renombrada por la belleza de sus monumentos, estatuas y grandiosos templos de mármol”<sup>7</sup>. Em todo o mundo civilizado, era famosa sua produção de artigos de bronze. Chega-se a disputar o destino do seu bronze, conforme atestam documentos romanos da época.

Em 146 a.C, Corinto caiu no confronto com o novo poder militar e político de Roma. Em 165 d.C. o escritor grego Pausanias, referindo-se ao evento diz: “Los corintios... se habian unido a la guerra contra los romanos... Cuando ganaron éstos, efectuaron un desarme total de los griegos y dismantelaron los muros de todas las ciudades fortificadas. La ciudad de Corinto fue arrasada”<sup>8</sup>. Em 44 a.C. Corinto foi reconstruída por Júlio César e repovoada por deserdados romanos e escravos desarraigados, “apartados das comunidades de apoio e das tradições culturais”<sup>9</sup> que constituíam suas identidades. Como libertos e pobres urbanos, isolados da rede social horizontal eram parte das camadas inferiores da pirâmide do patronato. Apesar das pompas da elite, a reputação dos coríntios era de serem pessoas incultas, carentes e exploradas pelos abastados. Com a afluência de muita gente, Corinto não demorou a tornar-se a terceira cidade do Império, depois de Roma e Alexandria. Além dos veteranos e de pessoas de classes mais baixas, a cidade foi povoada por libertos vindos de Roma beneficiando-se também com a diáspora judaica.

Em tempos de Paulo, “Corinto era uma mistura pluralista de culturas, filosofias, estilos de vida e religiões”<sup>10</sup>. Os membros da igreja relacionados em 12,13 refletem a formação da cidade: judeus, gregos, escravos e homens livres. Igualmente os diversos nomes mencionados são judaicos, gregos e romanos. Alguns fiéis eram escravos (1 Cor 7,20-24).

---

<sup>6</sup> FOULKES, “se atribuía ao templo de Afrodite à presença de mil prostitutas dedicadas [...] ao culto da deusa da fertilidade” p. 39. (Tradução nossa).

<sup>7</sup> FOULKES, “foi centro de arte e cultura, uma cidade renomada pela beleza de seus monumentos, estátuas e templos de mármore”. p. 39. (Tradução nossa).

<sup>8</sup> PAUSANIAS, *Descripción de Grecia* apud FOULKES, “Os coríntios [...] se haviam unido à guerra contra os romanos. Quando estes ganharam, efetuaram um desarmamento total dos gregos e dismantelaram os muros de todas as cidades fortificadas. A cidade de Corinto foi arrasada” p. 39. (Tradução nossa).

<sup>9</sup> HORSLEY, Richard A. *Paulo e o Império*. São Paulo. Paulus. 2004 p. 239.

<sup>10</sup> HAFEMANN, S. J. *Verbetes Coríntios, Carta aos*. In Dicionário de Paulo e suas Cartas. São Paulo. Paulus; Edições Vida Nova; Edições Loyola, 2008. p. 281.

“A lei, a cultura e a religião romanas eram dominantes em Corinto e o latim era a língua oficial, mas às tradições gregas e os cultos de mistério provenientes do Egito e da Ásia estavam solidamente representadas (cf. 1Cor 1,20-22). [...] Corinto é considerada a cidade mais helenista do NT”<sup>11</sup>.

No tempo de Paulo a cidade estava cheia de locais religiosos pagãos (1Cor 8,4-6; 10,14.20-23). Em “Descrição da Grécia”, Pausânias (+ c 180 d.C.) “descreve 26 lugares sagrados para o panteão grego-romano e os cultos de mistério”<sup>12</sup>. Em 77 um terremoto destruiu grande parte de Corinto o que significa que os templos provavelmente superavam em muito este número de lugares sagrados.

A Corinto, como a outras cidades, permitiu-se governo próprio sob a vigilância de um governador / procônsul (At 18,12). Havia governantes locais eleitos anualmente, que promoviam os interesses de Roma em manter um fluxo de tributos. Em troca o Império mantinha na região a paz e a estabilidade, possibilitando a prosperidade. A geração adulta de meados do primeiro séculos só conhecia o governo da potência estrangeira, mediada pela elite local. As antigas assembléias do povo foram substituídas pelos conselhos municipais de cidadãos ligados a Roma, que fortaleciam seus privilégios. A língua do Império Romano era o latim; porém o grego perdurou como língua do povo no dialeto popular como grego helenístico ou *koiné*. Dele Paulo se utilizou ao escrever a Carta aos Coríntios. Difícil é estabelecer o número de habitantes de Corinto no primeiro século: alguns propõem meio milhão; outros estimam em cem mil.

### 3 - Características urbanas

Graças aos problemas que Paulo relata em sua carta, conhecemos detalhes da comunidade. Com a visão da cidade compreendemos melhor sua vida. Corinto, com seus edifícios públicos e monumentos imponentes, era uma cidade rica. A vida girava em torno de praças e edifícios públicos de ordem econômica, governamental e religiosa. Na praça central da cidade encontramos justapostas aos templos: as tendas, os escritórios do governo e as oficinas. O texto 1Cor 10,25-28 evidencia a relação existente entre templo e as tendas de

---

<sup>11</sup> HAFEMANN, p. 282.

<sup>12</sup> PAUSÂNIAS, apud HAFEMANN, p. 282.

comércio onde a carne de animais sacrificados como oferenda num templo a uma divindade era posta à venda nos açougues. Os templos, além de numerosos, ocupavam um lugar de destaque. Ao norte estava a oficina do presidente dos Jogos Ístmicos e o salão dos juízes. A administração da justiça e o tribunal tinham sua sede no centro comercial e governamental da cidade.

A região central da cidade era servida por alguns poços de água, porém a população tinha que ir “a las numerosas fuentes públicas que había en la ciudad para conseguir toda el agua que necesitaban para sus casas y locales de trabajo”<sup>13</sup>. As pessoas se encontravam nos locais de banhos públicos e passavam boa parte do tempo na rua ou em contatos sociais. Por isso qualquer mudança de orientação de vida era logo percebida. Por isso a conduta dos cristãos também seria prontamente observada. Só a elite vivia em casas amplas. As pessoas livres habitavam em locais estreitos que serviam ao exercício do seu ofício e à venda da produção.

#### **4 – A organização econômica e social da cidade**

A nova cidade tinha apenas cem anos na época de Paulo, ostentando o comércio como a principal atividade econômica. “Los colonos romanos, muchos de ellos veteranos de guerra o esclavos libertados, habían emprendido el camino a un nuevo mundo, con la esperanza de encontrar [...] mejorar su suerte”<sup>14</sup>. A maioria da população do istmo só indiretamente se beneficiava da riqueza gerada, no sentido de terem mercado aos seus produtos e serviços. Os escravos passavam aí um pouco melhor do que em outras regiões. A prosperidade de Corinto provinha do comércio, das mercadorias que passavam pela cidade, do transporte entre os mares e regiões da Grécia. A produção artesanal era o terceiro fator em importância para a economia local. No primeiro século, Corinto contava com fábricas dedicadas à indústria do bronze. Ao percorrer a cidade, Paulo com certeza pode ouvir muitas vezes “o metal que ressoa e o címbalo que retine” (13,1). Como em outras cidades da época, era comum a “fabricación de artefactos y utensilios de cerámica y madera”<sup>15</sup>. Os eventos atléticos atraíam e o turismo esportivo atraía receitas para comerciantes e artesãos. Nas

---

<sup>13</sup> FOULKES, “às numerosas fontes públicas que havia na cidade para conseguir toda a água que necessitavam para suas casas e locais de trabalho” p. 42. (Tradução nossa).

<sup>14</sup> FOULKES, “Os colonos romanos, muitos deles veteranos de guerra ou escravos libertos, haviam empreendido o caminho para um novo mundo na esperança de [...] melhorar sua sorte”. p. 43. (Tradução nossa).

<sup>15</sup> FOULKES, “fabricação de artefatos, utensílios de cerâmica e de madeira” p. 44. (Tradução nossa).

mediações da cidade, o terreno rochoso era propício a vinhedos e oliveiras e na baixada na costa do Adriático, a terra fértil e a produtividade permitiam acumular fortuna.

#### **4.1 - A casa: unidade de produção**

A casa na sociedade antiga, além de núcleo familiar, ela “constituía la unidad básica de producción económica y organización social”<sup>16</sup>. A estrutura familiar era composta por várias gerações e graus de parentesco, incluía trabalhadores escravos e libertos, os clientes do patrão, no serviço e na dependência da casa. A correta administração doméstica era vital para a sociedade. Do “manejo da casa” dependia o funcionamento das estruturas hierárquicas do estado: uma ordem paralela da estrutura das casas e sua base social e econômica. Ambas concebiam as relações hierárquicas de autoridade e subordinação e, qualquer alteração considera-se subversão. A religião era determinada pelo homem mais velho. A fé cristã, que chegou à região valorizando pessoas e relações, com certeza provocava repercussões na ordem sócia econômica. As pessoas que detinham o poder logo perceberam “el potencial subversivo del cristianismo”<sup>17</sup>. Na tradição grega, filósofos e mestres estabeleciam e justificavam o ordenamento da sociedade, do governo e da casa. Na casa había “tres pares de relaciones desiguales en la jerarquía doméstica: amos/esclavos, esposos/esposas/ padres/hijos [...] los segundos debían ocupar un lugar de subordinación”<sup>18</sup>.

#### **4.2 - Setor socioeconômico da população**

“A elite, faminta de honras e cargos cultivava o patronato de governadores e imperadores patrocinando a construção de novos templos cívicos e imperiais [...] e festivais como os recém instituídos Jogos Cesáreos”<sup>19</sup>. Apesar das pompas da elite, a reputação dos coríntios era de serem pessoas incultas, carentes e exploradas pelos abastados. No 1º século era pouco comum a passagem de um nível social a outro. Na nova cidade comercial de Corinto, um setor da população “acumular fortuna, y con ella, una condición social superior a

---

<sup>16</sup> FOULKES, “Constituía a unidade básica de produção econômica e organização social”. p. 44 (Tradução nossa).

<sup>17</sup> FOULKES, “o potencial subversivo do cristianismo” p. 45. (Tradução nossa).

<sup>18</sup> FOULKES, “três pares de relações desiguais: amos/escravos, esposos/esposas, pais/filhos [...] os segundos estavam subordinados aos primeiros”. p. 45. (Tradução nossa).

<sup>19</sup> HORSLEY, p. 239.

la grande masa del pueblo”<sup>20</sup>. Uma elite representava o governo romano e se ocupava da administração e, outras pessoas colaboravam com os governantes estrangeiros, como forma de assegurar seu nível social e econômico.

#### 4.2.1 – Escravos

A produção provinha da terça parte da população escrava. Ela não provinha de uma raça, pois na sociedade romana qualquer pessoa por circunstâncias diversas podia ser transformada em escrava. É o caso dos exércitos vencidos e de grande parte da população civil. “Durante el período de expansión del dominio romano grandas cantidades de esclavos fueram incorporadas a la economía del Imperio”<sup>21</sup>. Seqüestros, capturas e o endividamento (Mt 18,25) eram formas a ser escravo. Outros nasciam escravos ou herdavam a escravidão como filhos de uma escrava. A maioria dos escravos de origem grega era nascida na casa do amo, o dono de escravos.

As condições da escravidão eram distintas, dependendo do tipo de trabalho que o escravo exercia, dos seus conhecimentos e das suas capacidades. As multidões de escravos das minas e dos latifúndios da Itália experimentavam condições mais opressoras e brutais. Os escravos urbanos das empresas domésticas (cozinheiros, mordomos, donzelas, pedagogos, contadores, administradores) eram tratados de forma mais amena. Formavam parte da família e compartilhavam a mesa do amo. Um escravo também podia viver à parte em uma casa humilde, própria e ir ao local de trabalho. Muitas pessoas livres viviam de forma precária, marginal com emprego casual, em situação miserável. Por isso muitos filósofos e pensadores enfatizavam as condições humanas dos escravos e a liberdade de espírito que possuía o ser humano. São distinções importantes a fazer quando nos aproximamos de 1Coríntios.

O cristianismo do 1º século não condenava de todo a escravidão pelas elevadas condições em que viviam os escravos nas cidades. O que faz Irene Foulkes interrogar: Se Paulo e outros tivessem exercido seu ministério entre os escravos das minas e das fazendas como teriam reagido? A sociedade de então não concebia o mundo sem a escravidão. Os

---

<sup>20</sup> FOULKES, “acumula fortuna, e com ela, uma condição social superior a grande massa do povo, composta de escravos e artesãos pobres”. p. 45. (Tradução nossa).

<sup>21</sup> FOULKES, “Durante o período da expansão do domínio Romano grandes quantidades de escravos foram incorporadas à economia do Império”. p. 46. (Tradução nossa).



cristãos eram exortados a uma “conduta social quietista” (1 Pe 2,11-17; 3,13-17; 4,12-19) pela necessidade de evitar a censura das forças dominantes.

#### **4.2.2 – Libertos**

Os antigos escravos eram muito numerosos no primeiro século: cinco libertos para cada escravo. A liberação era comum, porém limitada aos escravos urbanos. Tornavam-se livres as escravas que casavam com o amo, ou quando falecia o amo. Os escravos podiam comprar sua liberdade, acumulando dinheiro por seu trabalho. Contudo permaneciam na condição de antigo escravo, sofriam discriminação e obstáculos legais, em ocupar postos no exército ou no governo civil. Eles mantinham a condição de “cliente”, servidor agradecido e tinham que tributar lealdade e honra ao seu amo; proviam serviços técnicos e produtos artesanais ao seu amo, agora patrão. Serviam à pessoa que o havia emancipado. Essas relações eram essenciais à estrutura da sociedade da época. A ambigüidade dessa relação reflete o conselho de Paulo em 7,20-24.

#### **4.2.3 - Livres**

Os homens e as mulheres nascidos/as livres eram menos numerosos, mas formavam parte importante da população. A maioria ocupava os degraus mais baixos da escala social e econômica. Poucos pertenciam à cúpula socioeconômica em virtude do êxito comercial ou da associação política com Roma. A economia da época não conhecia o trabalho assalariado e nem as garantias sociais. Os patrões contratavam por trabalho feito e não por jornadas. Os artesãos e obreiros eram vítimas do marasmo da Grécia sem possibilidade de organizar-se, aumentar a sua produção e repartir o imenso mercado oriental. Quando Paulo pede aos crentes que ofereçam segundo tenham prosperado reconhece que a situação dos artesãos podia mudar drasticamente de uma semana a outra. São estes os envergonhados e com fome na ceia comum da comunidade, porque “nada tinham” (1 Cor 11,22). “En una sociedad de profundas divisiones sociales, la naciente iglesia cristiana muestra las tensiones [...] y se esfuerza por

forjar una comunidad donde todos se unen en el cuerpo de Cristo”.<sup>22</sup> “sejam eles escravos ou livres” (1 Cor 12,13).

### 4.3 - Associações e confrarias

No primeiro século floresceram várias associações voluntárias com fim social e político. As relações tradicionais e crenças religiosas perdiam força e, o povo buscava agrupar-se de várias maneiras e com propósitos diversos. Encontravam-se nos poucos espaços em que pudessem relacionar-se livremente. Por isso proliferaram várias associações privadas e confrarias de voluntários: escravos, libertos e livres muitos deles estrangeiros. Algumas associações eram de homens; outras admitiam mulheres e crianças. Uniam-se em grupos para oferecer culto à sua divindade ou serviços fúnebres a seus membros para perpetuar sua memória. O *collegium* agrupava pessoas do mesmo ofício e devoção religiosa comum para atividades sociais defesa de interesses econômicos de seus integrantes. A popularidade das confrarias estava no conferir honra e status aos membros; suprirem necessidades de educação, apoio legal, assistência econômica. Constituíam-se de quinze ou até cem membros e, funcionavam de forma autônoma com estatutos próprios. O Império tinha pouco interesse pela vida sócio-religiosa dos súditos; estava atento à possibilidade de subversão de algum grupo.

Quanto à nova comunidade cristã, os habitantes de Corinto já estavam acostumados a grupos estáveis com fins sociais e religiosos. A igreja primitiva professava a igualdade entre irmãos de níveis sociais diversos; noutros aspectos havia traços comuns com as associações: reuniam-se nas casas e definiam sua própria organização interna e suas lideranças. A comunidade cristã se entendia como continuidade do antigo povo de Deus. O termo *ekklesia* conforme Foulkes aplicava-se na sociedade civil a assembléia dos cidadãos; distinto das associações. Entre as igrejas de várias regiões se forjava o sentido de união e pertença que se reflete no esforço de Paulo em levantar oferta à igreja de Jerusalém. A solidariedade presente nas comunidades cristãs, Paulo a usa como argumento no trato de alguns problemas na igreja de Corinto (4,17; 7,17; 11,16; 14,33).

---

<sup>22</sup> FOULKES, “Numa sociedade de profundas divisões sociais, a nascente igreja cristã, mostra as tensões [inerentes ao seu contexto] e se esforça por forjar uma comunidade onde todos se unem no corpo de Cristo”. p. 49. (Tradução nossa).

#### 4.4 - As mulheres na sociedade de Corinto

Na cidade cosmopolita existiam práticas e idéias diversas determinadas pelo nível socioeconômico, pelo grupo étnico, pela orientação filosófica ou religiosa. Na “elite romana [...] las mujeres gozaban de relativa libertad de acción”,<sup>23</sup> o que permitia exercer iniciativa própria; dirigiam empresas bem como bens herdados ou ganhos.. No aspecto religioso, atuavam com certa autonomia. Filiavam-se à religião judaica e/ou eram atraídas aos novos cultos místicos e religiões do Oriente. Especial atração exercia a Deusa Isis, “emancipadora da mulher” que encarnava as virtudes de mãe e esposa.

A liberdade das mulheres da elite contrastava com a situação das mulheres do povo. A inferioridade e as limitações das mulheres eram reforçadas pelos moralistas que as consideravam como membros subordinados na hierarquia familiar; a maioria das tradições consagrava a inferioridade da mulher. Entre os filósofos estóicos surgiu a teoria da igualdade natural entre os sexos, ainda que em seus conselhos admitiam a submissão da mulher ao governo e ao homem. Em sua condição de escravas ou livre pobres, dedicavam-se a atividades que as incorporavam à dinâmica da cidade. Mulheres libertas desenvolviam negócios e atividades comerciais.

Os ideais e as práticas da comunidade judaica eram importantes à igreja de Corinto. Alguns escritos judaicos realçam “mulheres sábias e exemplares” atribuindo a elas o mesmo valor que ao homem. Elas participavam em competições de atletismo em Corinto e outras cidades gregas. Após a reconstrução da cidade havia eventos atléticos para mulheres e oportunidade de solteiras participarem de competições públicas. Também a religião concedia um espaço amplo de participação às mulheres. Os novos cultos permitiam às mulheres exercer liderança. Participavam também em associações e confrarias do povo.

#### 5 - A vida religiosa em Corinto: novidade e diversidade

A arqueologia descobriu em Corinto grande quantidade de templos. A cidade oferecia um mercado livre religioso onde se propagavam cultos e crenças. Escolas filosóficas eram movimentos missionários. Na religião tradicional introduziam-se novas crenças e ritos,

---

<sup>23</sup> FOULKES, “elite romana [...] as mulheres possuíam uma relativa liberdade de ação”. p. 51. (Tradução nossa).

enquanto outros sistemas vinham do estrangeiro ganhando popularidade entre o povo, o que permitia, por exemplo, a um não judeu abraçar o judaísmo.

### 5.1 – Religiosidade popular helenista

A religião grega e seus mitos acerca da vida, dos amores e das guerras de deuses pertenciam à época em que cada cidade regia a própria vida. Desde Alexandre Magno os povos se mesclavam nos exércitos e nas novas cidades, cimentando-se o caráter multiétnico da sociedade. A religião mudou e, como os deuses antigos estavam desacreditados, a maioria buscava na religião a resposta para as suas necessidades. As inquietações impulsionavam a busca de novas divindades e novas formas de culto, como as trazidas do Oriente e do Egito pelos imigrantes. Entre a população grega, romana e seus conselhos estabeleceram-se diversos cultos que tinham ritos secretos dos “mistérios” que ofereciam “una salvación de los poderes malignos del mundo y del universo, y una experiencia inmediata de éxtasis espiritual”<sup>24</sup>; tolerada na celebração e, às vezes provocava oposição.

Ao incorporar práticas místicas os deuses tradicionais adquiriam características universais e, conhecer um deus universal era a busca religiosa da época. A deusa Isis convertida em divindade universal foi introduzida no mundo grego-romano como a Serapis, acolhida pela população como divindade suprema do céu e mãe de tudo o que existe. “Un canto de alabanza a sus virtudes resuelve el [...] conflicto con lealtad religiosas anteriores cuando declara que Isis se había conocido antes [...] con nombres locales como Diana, Artemisa, Astarté y otras”<sup>25</sup>.

A astrologia ampliou o panteão grego ao identificar os deuses gregos com planetas e estrelas, o sol e a lua. O movimento dos astros /deuses se impunha aos seres humanos que deviam acomodar-se ao destino pessoal ou social e evitar perigos e danos. Este determinismo provocava a busca de redenção que as religiões ofereciam. O culto ao imperador glorificava o estado na pessoa do imperador. Um culto cívico que expressava a lealdade e submissão ao

---

<sup>24</sup> Cp. J. Leipldt y W. Grundmann, Mundo, Vol. I, “uma salvação dos poderes malignos do mundo e do universo, e uma experiência imediata de êxtase espiritual” p 112. apud FOULKES p. 54. (Tradução nossa).

<sup>25</sup> FOULKES, “Um canto de louvor às suas virtudes resolve o [...] conflito com as lealdades religiosas anteriores, quando declara que Isis era conhecida antes [...] com nomes locais como Diana, Artemisa, Astarte e outras”. p. 55. (Tradução nossa).

governo. As autoridades o buscavam e, para os cristãos ele constituía um conflito pela fé no único Senhor, Jesus Cristo. O culto ao imperador ainda não representava perigo aos cristãos.

## 5.2 - O Judaísmo

Os judeus eram 10% da população do Império, mais numerosos fora do que na Palestina. Gozavam do status legal como *'collegium'* e exerciam livremente o seu culto, seus lugares de reunião e suas relações internas. As autoridades toleravam suas práticas exclusivistas, os dispensavam de atividades como o serviço militar, o que podia suscitar reação de outros setores do povo. Os laços de sangue os uniam em todo o império, o que facilitava as relações entre eles. Os judeus participavam na vida econômica e cultural das cidades e usavam o idioma grego em seus cultos. Celebravam os atos salvíficos de Javé na sinagoga e em suas festas com leitura das Escrituras, comentários, orações e cantos. Mesmo sendo religião de uma etnia, os judeus acolhiam a pessoas não judias atraídas pelo Deus e pela fraternidade universal. Alguns se convertiam de simpatizantes à tementes a Deus pelo nível da moral judaica.

A comunidade cristã de Corinto nasceu e se nutriu do solo judeu e, incorporou em seu culto muitos elementos da sinagoga. Apesar das semelhanças, o NT testemunha o distanciamento entre igreja e sinagoga, o que definiu a igreja como uma comunidade nova e distinta, aberta a qualquer etnia. Isto teve implicações de caráter civil pela cobertura legal de que o judaísmo gozava. Em Corinto se detecta um vivo conflito com a sinagoga o que se mostra nas polêmicas a atitudes judaicas (1,22-23), a “escribas” (1,20), bem como na insistência de um Messias crucificado e ressuscitado (1,18-2,5;15,1-8).

## 5.3 - Seitas filosóficas populares

Nas cidades romanas surgiram várias seitas filosóficas de diversas tradições e ênfases, que se apresentam em praças apelando às necessidades e problemas das pessoas. Tinham em comum o esforço para dar ao povo uma orientação moral e uma compreensão da vida humana e do universo. Filósofos criavam grupos de discípulos, floresciam as comunidades de seguidores das diversas escolas de pensamento, como os cínicos, os epicureus e os estóicos. Pelo poder da razão buscavam a disciplina pessoal. “Al señalar las injusticias que sufrían los grupos subalternos de la sociedad, les ofrecía al mismo tiempo un mensaje de valoración

personal, de libertad interior y de fraternidad humana”<sup>26</sup>. O fato é que Paulo também propagou a doutrina de Jesus Cristo e formou comunidades de convertidos. Ele polemizou contra “o sábio, o letrado, o investigador deste mundo (1,20) para quem o crucificado é loucura” (1,23).

## **6 - Paulo e a Igreja de Corinto**

Nas cartas de Paulo aos Coríntios há alusões à passagem de Paulo na cidade quando anunciou a mensagem de Jesus Cristo e fundou a comunidade a qual agora aconselha. Viveu entre eles como artesão e recusou ser sustentado pela comunidade. Ela incluía pessoas humildes, marginalizadas pelos poucos da classe social abastada. Paulo colocava-se junto aos humildes como consequência da mensagem de Jesus Cristo, que encarnou no mundo o projeto de Deus identificando-se com eles (2,6-8). Conforme Atos, Paulo permaneceu na cidade de Corinto em casa de judeus, trabalhou em seu ofício com estrangeiros como ele, que lhe deram teto e trabalho (At 18,1-3). A mensagem de Jesus Cristo provocou diversas reações: uns o expulsaram, outros se juntaram a Paulo e formaram a comunidade cristã de Corinto. Paulo permaneceu aí por um ano e meio.

## **7 - Patronato na Corinto Romana**

A partir de inscrições num monumento da metade do séc. I “em louvor de Júlio Esparciático”<sup>27</sup>, descortina-se como em Corinto se organizavam as relações sociais. Uma cadeia de vínculos entre patrono e cliente, que surge no interior de uma estrutura estatal, de autoridade dispersa, limitada atividade do Estado e de considerável separação entre os níveis: lugarejo, cidade, Estado. “O patronato foi o segredo da integração do Império Romano”<sup>28</sup>. Ele explica o como os romanos dirigiram o império com um mínimo de funcionários. As redes de relações em Corinto constituíam uma hierarquia composta pelo imperador, funcionários romanos, notáveis locais e povo. É uma relação assimétrica de troca, de partes desiguais no controle dos recursos, poder e status.

---

<sup>26</sup> FOULKES, “Ao perceber as injustiças que sofriam os subalternos da sociedade, lhes ofereciam uma mensagem de valorização pessoal, de liberdade interior e de fraternidade humana”. p. 58. (Tradução nossa).

<sup>27</sup> CHOW, John K, c 6. Patronato na Corinto Romana, In HORSLEY, John K (org). *Paulo e o Império, religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus; 2004, p.111.

<sup>28</sup> CHOW, p. 112.

O imperador era patrono de Corinto com poder de manter a ordem e a paz no império. Inspirava reverência e assombro e eram cobertos de títulos: patrono, benfeitor, salvador e filho de um deus. O nome “Colônia Laus Julia Corinthiensis” lembrava de Julio César ao refundar a cidade. Em Corinto viam-se os símbolos da presença e do poder do imperador: as moedas, as imagens imperiais, o “Templo E”, o fórum e outros monumentos bem como as celebrações para homenagear o dirigente benevolente. Na época de Paulo, acresceu-se aos jogos novos programas para cantar louvores à casa imperial: Cesaréia e os “torneios imperiais”<sup>29</sup>.

A lealdade e as boas relações com o imperador determinavam o destino dos dirigentes locais. É possível compreender melhor porque o culto imperial foi promovido na Corinto do século I. Era uma forma de “homenagear a casa imperial e demonstrar-lhe lealdade [...] comum entre notáveis locais na primeira metade do século I”<sup>30</sup>. E, para superar concorrentes, mais do que riqueza, era útil vir de boa família, homenagear a casa imperial, ter ligações com autoridades romanas, o que dava vantagem à pessoa ambiciosa, como também dar apoio à pessoa influente na cidade, mesmo sem ser de família notável. Uma adequada atividade pública era importante na busca da fama e do poder.

O patronato era uma das maneiras de organizar a sociedade de Corinto. Por ele, interesses diversos uniam pessoas de diferentes níveis. Escravos emancipados tornavam-se pessoas libertas. A relação de poder era comparada a de um pai com seu filho. O liberto devia ao patrono a sua liberdade. Por isso lhe devia ser grato e honrá-lo, não podia prejudicá-lo por seu agir nem processá-lo. Tinha dever de continuar a servi-lo. Mesmo com obrigações para com o liberto, persistia uma relação desigual entre patrono e liberto. Quanto às obrigações em relação ao liberto.

“O patrono tinha o direito de agir como tutela para proteger os interesses de uma liberta, por mais velha que fosse, ou de um liberto com menos de 20 anos, dando-lhes conselhos legais e orientando-os no manejo de sua propriedade. Do mesmo modo, se um liberto tivesse de fato necessidades, o patrono tinha de prover seu sustento. E se um liberto fosse assassinado, o patrono tinha de ajudar a levar o criminoso à justiça”<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> CHOW, p. 114.

<sup>30</sup> CHOW, p. 121.

<sup>31</sup> DUFF, Freedmen, p. 43. 48-49. apud. CHOW, p. 126.

Ao redor do patrono rico e poderoso agregavam-se clientes, seguidores e amigos literários: filósofos, satiristas, poetas, figuras religiosas e adivinhos. Numa relação mais informal e sutil, os clientes ou amigos literários podiam obter benefícios e oportunidades de exhibir seus talentos, granjear fama. O patrono precisava deles, pois aprimoravam a dignidade de “homem cultivado”; aplaudia-o por suas ações e, em troca os literários louvam as benevolências e as virtudes do patrono. As diferenças entre eles ficavam evidentes no jantar festivo e na saudação matinal; aí os clientes tinham a cumprir seu dever. O alimento testemunha as posições desiguais: os satiristas protestam por lhes ser servidos comida e vinhos inferiores; aos clientes comuns e libertos cabia o menos honrado e, o jantar dos pobres e escravos era no tapete ou encostados na parede.

O cliente tinha que agradar o patrono e adaptar-se à sua opinião. Antes do patrono rico e seus clientes convidados se recuperarem da noite, “eles tinham de [...] cumprir o seu dever na saudação matinal”<sup>32</sup> satisfazendo o desejo do patrono de ser superior e diferente. Clientes pobres ao visitar o patrono podiam obter ajuda financeira que “minorasse a sua miserável vida”. Os clientes mais próximos eram recebidos em particular; os menos, em companhia de outros e o resto era recebido no coletivo/ massa. Alguns tinham o dever de clientes fiéis ao patrono influente, o faziam por necessidade, buscavam ajuda, apoio para uma carreira pública ou auxílio em questões legais. O autor conclui dizendo: “O patronato oferecia uma das maneiras por meios das quais se teriam organizado as relações em Corinto”<sup>33</sup>. A comunidade de Corinto era constituída de pessoas comuns, de notáveis locais, de funcionários romanos e, de alguma maneira, do imperador; “podem ser vistos como redes entrelaçadas de patronos e clientes”<sup>34</sup>.

Nas províncias funcionários serviam aos interesses do imperador. Os notáveis locais usavam a riqueza, cuidavam do povo comum; os patronos de associações e os chefes de casas “podiam gozar de privilégios e poderes especiais”<sup>35</sup>. No século I em Corinto, homens ambiciosos buscavam fama, honra e poder políticos ou religiosos. Para escalar a honra e poder, era essencial aos libertos procurar relacionar-se com homens de influência e

---

<sup>32</sup> CHOW, p. 128.

<sup>33</sup> CHOW, p. 129.

<sup>34</sup> CHOW, p. 129.

<sup>35</sup> CHOW, p. 129.



autoridades romanas. Por isso, muitos notáveis eram “sacerdotes do culto ao imperador”<sup>36</sup>. As associações e as casas refletiam os valores e a estrutura da sociedade patronal. As relações patronais pretendem relações entre o humano e o divino. Devido à importância do patronato em Corinto seria irreal esperar dos cristãos um comportamento totalmente novo após a conversão. “É bem provável que o patronato venha a ser o fundamento da compreensão dos vínculos relacionais [...] e de alguns dos problemas que Paulo discutiu em 1Coríntios”<sup>37</sup>.

## 8 – A Igreja de Corinto: uma Sociedade Alternativa

Paulo procura fazer da comunidade cristã uma sociedade alternativa ao Império Romano. Horsley, que defende essa tese, procura fundamentá-la com os argumentos que seguem:

Em primeiro lugar a primeira carta aos coríntios informa que Paulo “estabeleceu um vínculo de colaboração com Prisca e [...] Áquila”<sup>38</sup> em favor “de pequenos grupos na casa das pessoas”<sup>39</sup>. A referência à assembléia reunida na ceia do Senhor (1 Cor 11) indica que havia momentos de pequenas assembléias em casas de pessoas como Estéfanos, Caio e outros líderes. Paulo confia nos colaboradores e se comunica com eles. Através deles coordena e disciplina o grupo numa rede de comunidades menores nas casas, disseminadas de Corinto para cidades menores e lugarejos. Emerge um movimento social “formado por uma rede de células [...] que se estendia [...] pela província de Acaia”<sup>40</sup>.

Em segundo lugar Paulo exorta à solidariedade e insiste que a comunidade se conduza de forma autônoma e independente em relação ao “mundo” (1Cor 5-6). Devem evitar “os imorais deste mundo” ou os “avarentos, ladrões, idólatras” (5,10). Quanto às divergências no interior da comunidade, eles devem manter a independência frente às cortes, sem apelar aos tribunais, o que significa que devem resolvê-las na comunidade.

Em terceiro lugar Paulo proíbe a ingestão de “carne sacrificada aos ídolos” (1 Cor 10,28); com isto “os afastava da participação nas formas fundamentais das relações sociais da

---

<sup>36</sup> CHOW, p. 129.

<sup>37</sup> CHOW, p. 129.

<sup>38</sup> HORSLEY, p. 240.

<sup>39</sup> HORSLEY, p. 241.

<sup>40</sup> HORSLEY, p. 241.

sociedade dominante”<sup>41</sup>. Os templos e santuários desempenhavam: o louvor ao imperador e, “um importante papel na constituição e coesão do Império Romano [...] e da sociedade local”<sup>42</sup>. O sacrifício era parte integrante da vida comunitária em todos os níveis sociais: as famílias, associações e celebrações abarcavam a cidade inteira, incluindo os festivais imperiais. Paulo rejeita a “liberdade dos coríntios” (cf 8-10) e os contradiz. Em 1Cor 10,14-22 está à exclusividade da assembléia de fiéis. Pois “o cálice da bênção é uma ‘comunhão /parceria (koinonia) com o sangue de Cristo’ e o pão é ‘comunhão com o corpo de Cristo’”<sup>43</sup>. No alimento oferecido aos ídolos está em questão “a integridade e sobrevivência da assembléia [...] como comunidade exclusiva alternativa à sociedade dominante”<sup>44</sup>. Participar dos banquetes significava para a comunidade afastar-se “dos próprios recursos por meio dos quais suas relações socioeconômicas essenciais eram mantidas antes”<sup>45</sup>.

Em quarto lugar Paulo indica que as relações nas assembléias devem construir relações econômicas distintas da sociedade romana. Ilustra esse aspecto a rejeição do apóstolo ao direito de aceitar ajuda econômica em seu ministério (1Cor 9). A pobreza o sensibilizou ao ponto de entrar no movimento de Jesus e trabalhar com as próprias mãos tornou-se um meio de identificar-se com Cristo o crucificado (1Cor 4, 12). A recusa aos que o consultam constituía repúdio à “amizade” e “seu trabalho com as próprias mãos” - uma humilhação à postura dos “patronos potenciais”. Paulo evita ser um apóstolo domesticado. Assim evita que a assembléia reproduza as relações de poder, controle e exploração da sociedade dominante. Construiu sua rede de “amigos” nas assembléias, porém não apresentou nenhuma política econômica alternativa à sociedade alternativa: “permaneceu no âmbito da visão bíblica tradicional”<sup>46</sup>.

Em quinto lugar, Paulo menciona outro aspecto econômico sem precedentes: “a coleta para os pobres entre os santos em Jerusalém” (1 Cor 16,1-4). Esse projeto provinha de um acordo com Tiago, Pedro e João. Paulo e Barnabé “podiam expandir o movimento entre as nações”, mas “deveriam lembrar-se dos pobres” (Gl 2,9-10). Segundo Paulo, “as nações têm obrigação de ajudar Israel”, pois partilham das “bênçãos espirituais” (Rm 15,27). As

---

<sup>41</sup> HORSLEY, p. 243.

<sup>42</sup> HORSLEY, p. 243.

<sup>43</sup> HORSLEY, p. 244.

<sup>44</sup> HORSLEY, p. 244.

<sup>45</sup> HORSLEY, p. 245.

<sup>46</sup> HORSLEY, p. 246.

instruções quanto à coleta (1Cor 16,1-4; 2Cor 8-9) indicam assembleias em rede política e econômica, opostas às do Império. Elas partilhavam recursos econômicos entre as nações porque Paulo organizou um movimento, a fim de ajudar “os pobres entre os santos de Jerusalém” (Rm 15,26).

## 9 - Concluindo o capítulo

Concluimos o capítulo com parte do texto de Foulkes, sob o título “Aproximando-nos a 1Coríntios”: Paulo descreve a comunidade dizendo em 1Cor 1,26: “Não sois muitos poderosos nem muitos nobres senão o que é néscio ao mundo, escolheu Deus, o débil, o vil, o menos prezado”. Isto implica que busquemos as informações que iluminam a vida diária da grande maioria das pessoas comuns da época. Assim podemos averiguar o que significou para estas pessoas a mensagem de Jesus Cristo proveniente de um povo desprestigiado, amigo dos mais humildes, condenado como rei político por manobra dos líderes religiosos da sua nação em cumplicidade com o poder imperial. No sentir dos gregos é “loucura” a mensagem de um crucificado.

A grande massa que se deixou transformar pelo Cristo pregado por Paulo transformou-se numa comunidade “que se caracterizó por una mezcla de actividades exuberantes y problemas agudos”<sup>47</sup>. Ocupamo-nos deles no próximo capítulo buscando as informações no texto bíblico e em diversos autores. Assim aproximamos-nos de um dos aspectos da comunidade cristã de Corinto: a multiplicidade e diversidade dos carismas do Espírito.

---

<sup>47</sup> FOULKES, “que se caracterizou por uma mescla de ‘atividades exuberantes e problemas agudos’” p. 35. (Tradução nossa).

## II – DONS E CARISMAS DO ESPÍRITO

### 1 – Introdução

Nas interpretações e escritos atuais, os dons do Espírito estão associados ao uso do termo grego *carisma*. Com o termo *carismático* descrevem-se pessoas ou Igrejas que vivem fenômenos semelhantes ao de 1 Cor 12-14. Paulo qualifica os dons como espirituais, designando-os como manifestações do Espírito (1Cor 12,7), atividades de Deus ou modos de ação (*energemata*) que Ele realiza (*energei*) ou ainda ministérios/*diaconai* associados ao Senhor. O termo Paulino *charisma*, que em virtude do contexto relaciona-se ao Espírito provém de *charis* (graça) e “designa uma variedade de maneiras pela qual a graça de Deus se manifesta entre seu povo. Inclui dons tão diversos como a vida”<sup>48</sup>.

Bosch identifica os capítulos 12-14 como o “Quarto discurso: os carismas”. A natureza retórica e polêmica desses capítulos sugerem que mais do que instruir Paulo discorda dos coríntios e os corrige quanto ao “falar em línguas”, que eles consideram “a verdadeira espiritualidade” identificando o fenômeno como “linguagem dos anjos (1Cor 13,1) e [...] prova da percepção atual da existência celestial”<sup>49</sup>. Paulo refreia este zelo e defende a diversidade, para que a comunidade seja “do Espírito” (12,4-30). Afirma que o dom tem valor se estiver motivado pelo amor (13,1-13). O apóstolo conclui que o amor exige que os membros da comunidade “busquem expressões inteligíveis (1 Cor14,1-25) e ordem (14,26-40)”<sup>50</sup> a fim de edificarem a comunidade (14,1-19.26-33) convertendo os não integrados à comunidade (14,20-25). Neste percurso, “Paulo relaciona vários carismas, ministérios e formas de serviço”<sup>51</sup>.

Segundo Foulkes Paulo estruturou nos capítulos 12 e 14 o discurso sobre os dons espirituais e intercalou o hino do amor (c13), a fim de iluminar as relações internas de cada sessão destes capítulos.

---

<sup>48</sup> FEE, GORDON D. Verbete Dons do Espírito. in *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo. : Paulus, Edições Vida Nova; Edições Loyola. 2008.p. 411.

<sup>49</sup> FEE, p. 413.

<sup>50</sup> FEE, p. 413.

<sup>51</sup> FEE, p. 414.

As experiências carismáticas gozavam de espaço privilegiado nas reuniões da Ceia do Senhor. A palavra *pneumatika* (dons do Espírito), título em 12,1 reaparece em 14,1; é termo técnico do mundo helenista para designar fenômenos prodigiosos e extáticos. “O Espírito era entendido como força divina envolvente, e como doador de forças extraordinárias e espetaculares, capazes de levar o homem a superar os próprios limites e a alcançar *performances* sobre-humanas.”<sup>52</sup>. O carismatismo levou a conceber e “viver a experiência do Espírito em chave extática e numinosa, com exclusivo desempenho individual, como fenômeno [...] elitista, [...] que o faziam englobar toda a realidade salvífica e toda a vida cristã”<sup>53</sup>. Paulo apresenta uma visão oposta sobre o Espírito em relação à Igreja e ao Senhor. Apresenta o carisma como serviço de utilidade e crescimento da comunidade (12,7.12s). Comprova-o a confissão a Jesus como Senhor (12,3). O Espírito distribui aos fiéis com generosidade os seus dons: ninguém possui todos e ninguém é privado deles (12,4ss.).

“O Espírito produz fenômenos sensacionais”<sup>54</sup> entre eles a glossologia, a mais apreciada pelos coríntios (14,1s); eles constituem fenômenos semelhantes aos do mundo pagão, produzem pasmo e insegurança. Afinal qual a identidade do Espírito de Deus entre os demais espíritos? Os muitos pneumáticos ameaçam a unidade da comunidade porque marginalizam e até excluem pessoas menos contempladas. O que vem a ser a profecia comparada com a glossologia? Estas interrogações integram a discussão nos capítulos 12-14. Paulo reserva espaço e alta relevância ao assunto e, por isso sua exposição descortina algo da vida cultural das primeiras comunidades cristãs. Corinto vem a ser exemplo da luta da comunidade em definir “sua identidade cristã no ambiente cultural e religioso”<sup>55</sup> dos primórdios.

## 2 - Os Dons do Espírito: 1 Cor 12

Paulo introduz o c. 12 e distingue o verdadeiro do falso Espírito. Nos v. 1-3 narra o tema e, nos v. 4-11 e no v. 12 amplia o sentido passando de alguns dons “a uma visão mais

---

<sup>52</sup> BARBAGLIO, GIUSEPPE. *As Cartas de Paulo I*. São Paulo: Edições Loyola, 1989, p. 317s.

<sup>53</sup> BARBAGLIO, p. 319.

<sup>54</sup> BRAKEMEIER, p. 156.

<sup>55</sup> BRAKEMEIER, p. 156.

global da Igreja”<sup>56</sup> nos v. 12-31. Os três versículos iniciais “evidenciam o critério para se distinguir os verdadeiros dos falsos carismáticos”<sup>57</sup>; segue a origem única dos carismas, pois o mesmo Espírito os distribui a todos para utilidade comum (v. 4-11); a dialética de um e muitos na imagem do corpo do “organismo humano, muitos membros, um só corpo”<sup>58</sup> cujo sentido extrapola para a Igreja, Corpo de Cristo (v. 12-27) e, nela a pluralidade dos carismas como vontade de Deus (v. 28-30). O v. 31 fecha o capítulo 12 e introduz o capítulo 13. O texto de 1Cor 12 revela que a diversidade de pessoas requer interação e convivência

## 2.1 - Apresentação: 12,1-3

A sessão sobre “as coisas espirituais” ou os dons espirituais liga-se à sessão anterior na qual Paulo denunciara os que ostentam bens materiais em detrimento dos pobres (11,20-22); também pessoas que com dons menos chamativos sofrem menosprezo. “Pablo apela (...) a la ruptura que los cristianos ya han hecho entre su experiencia religiosa anterior, fuera ésta pagano o judía, y su nueva fe en Cristo”<sup>59</sup>. Assim Paulo estabelece o fundamento à denúncia e ao ensinamento que pretende administrar. Seus leitores conhecem o “o arrebatamento extático” e alguns têm participado de ritos em que se deixavam levar pelo ímpeto do frenesi religioso (12,2). De fato a comunidade enfrenta a irrupção de fenômenos que não procedem de Deus, pois não só o cristianismo conhece a glossologia e a profecia, e nem a oração da cura é exclusiva da fé cristã. Na religião pagã, os “ídolos mudos” sinalizam a idolatria e a impotência dos deuses pagãos. Conforme Paulo a ineficácia dos ídolos contrasta com o frenesi ruidoso de seus devotos que deles não obtêm resposta. Eu falar não garante a inspiração do Espírito Santo. A primeira carta aos Coríntios estabelece o critério para avaliar as manifestações carismáticas. “Por isso lhes faço saber...” (v. 3). O critério de autenticidade e sua fonte são: “Nada que fale pelo Espírito de Deus chama anátema a Jesus” (v. 3). O termo pode referir-se a prática dos hebreus ao destinar algo ao extermínio ou pronunciar-se em celebrações mistericas pagãs. Paulo, pelo que parece, dirige-se a uma situação que acontece de dentro da comunidade cristã. O critério cristológico permite avaliar as manifestações carismáticas: Jesus, o Senhor da vida a quem os cristãos rendem culto e obediência e lhe

---

<sup>56</sup> BOSCH, SÁNCHEZ JORDI. Escritos Paulinos [Tradução: Alceu Luiz Orso, Jaime Sánchez Bosch] São Paulo: Editora Ave Maria, 2002 – (Introdução ao Estudo da Bíblia; v. 7) p. 189.

<sup>57</sup> BARBAGLIO, p. 321.

<sup>58</sup> BARBAGLIO, p. 321.

<sup>59</sup> FOULKES, “Paulo apela (...) à ruptura que os cristãos já tem feito entre a sua experiência religiosa anterior, fora ela pagã ou judia, e sua nova fé em Cristo” p. 343. (Tradução nossa).

confessam lealdade absoluta, é um judeu processado e executado por César e, ressuscitado pelo único Deus da terra.

O tema dos dons do Espírito deve ser tratado com diligência (12,1), pois pelo entusiasmo, os dons assemelham-se em muito aos cultos pagãos (v 2). Para não deixar-se levar “é preciso saber por onde caminha o Espírito de Deus” (v 3).<sup>60</sup> Conforme Brakemeier, a comunidade pede pelos “critérios de identificação do Espírito Santo”<sup>61</sup>, ante a exuberância das manifestações, dons da graça ou carismas. O Espírito movimenta a comunidade. “Como impedir que outros espíritos se misturem às demonstrações do Espírito de Pentecostes e acabem produzindo um sincretismo caótico?”<sup>62</sup>

No passado os leitores eram arrastados aos ídolos mudos e atraídos por eles, tornando-se cativos deles (v 2). A alusão a experiências extáticas mediadas pelos cultos refere-se a fenômenos nas religiões de mistérios. Alguns cultos faziam as pessoas cair em transe e delirar. Os coríntios atraídos como escravos pelas divindades e pelos ídolos mudos (segundo linguajar judaico) que com poder exerciam tirania e “possessão espiritual”. Jesus Cristo constitui o critério para identificar o Espírito de Deus (v 3), capaz de produzir sinais extraordinários e prodígios, como glossologia, arrebatamento, visões, o estar “fora do corpo”; Paulo mesmo teve esta experiência (2Cor 12,1s). A confissão a Jesus como Senhor permite identificar a atuação do Espírito Santo. A confissão *Kyrios Iesous* tem seu lugar original no cristianismo judaico helenista. Na Septuaginta *Kyrios* é um atributo de Deus. Professar o senhorio de Jesus Cristo constitui obra do Espírito Santo. Onde o “Senhor Jesus” for ignorado não se percebe a ação do Espírito. Ele, o Espírito do Senhor, do próprio Cristo (2Cor 3,17) jamais o contradiz. Paulo, portanto, cobra identidade cristã dos “pneumáticos”.

## **2.2 - O caráter dos dons espirituais são diversos e complementares: 12, 4 - 31**

O parágrafo inicial 12,4-11 e final 12,28-31 deste texto acentua a diversidade dos dons. A parte central, com a metáfora do Corpo de Cristo, ressalta sua complementaridade, mostrando que os membros devem colaborar entre si (12,12-27).

---

<sup>60</sup> BOSCH, p. 189.

<sup>61</sup> BRAKEMEIER, p. 157.

<sup>62</sup> BRAKEMEIER, p. 157.

“Os v 4-6 iniciam com *diáreseis*, diversidades, anunciam a ampliação a tudo na ordem salvífica: existem os dons do Espírito (v. 4); [...] os ‘ministérios’ do Senhor (v 5) e as ‘atuações’ de Deus (Deus Pai, v 6). Os v 7-11 formam o bloco da constante referência ao Espírito (v. 7.8ab.9ab.11) e a dialética diversidade-unidade (v. 8b.9ab.10abcde) ‘o outro’; (v. 8b.9ab.11): ‘o mesmo’”.<sup>63</sup>

### 2.2.1 - Diversidade de dons, unidos em sua fonte: 12, 4 - 11

Paulo distingue a variedade e a diversidade dos dons que Deus concedeu à comunidade, enumera: carismas, ministérios/serviços, operações/atividades são manifestações do Espírito (v7). Paulo propõe a superação das rivalidades entre pessoas de diferentes dons e afirma a única fonte da qual provém todos os carismas: o Espírito, o Senhor e Deus que são (é) o mesmo.

Nos v 8-11 Paulo explica o princípio da diversidade e a universalidade da distribuição dos dons. O Espírito reparte uma variedade de dons e equipa a totalidade do povo de Deus com energias vitais em vista da sua maturação e capacitação. Os coríntios dão muita importância à sabedoria e ao conhecimento, dons que encabeçam as listas; seguem os dons da fé, da cura e o poder de fazer milagres que manifestam atos de poder. Reaparece a ênfase nos dons relacionados a eventos lingüísticos: profecia, discernimento de espíritos, línguas e interpretação de línguas.

O Espírito inspira membros da comunidade a pronunciar mensagens de sabedoria em benefício de todos (12,7). Paulo fala do carisma da fé que “move montanhas” (13,2); o mesmo Espírito distribui carismas de cura (v. 28.30) e o dom de “operar milagres”. Curas e milagres recordam as tradições de Jesus como sinais da vinda do Reino de Deus. São dons que se caracterizam pelo cuidado aos desamparados e reivindicação dos explorados. A igreja encarna a preocupação de Deus ao exercer a cura e o poder, dando testemunho do Senhor. A abundante diversidade de dons reparte-se por Ele entre todos os crentes (12,11).

Nos v 4-11 conforme Brakemeier, o entusiasmo dos coríntios quanto às manifestações do Espírito ameaçava atrofiar alguns dons. Paulo prefere falar em dons da graça (*charismata*) ressaltando a sua procedência comum. Fundamenta sua exposição no uso

---

<sup>63</sup> BOSCH, p. 189.



da fórmula triádica: O mesmo Espírito distribui os carismas (v. 4), o mesmo *Kyrios* distribui os serviços (v. 5) e o mesmo Deus realiza as operações (v. 6). O Deus que opera em tudo e em todos é um só (v. 6) e se manifesta “na pessoa de Jesus Cristo e na ação do Espírito Santo”<sup>64</sup>. Os carismas atribuem-se ao Espírito, os serviços ao *Kyrios* e as operações (*energemata*) a Deus. As obras todas remontam ao trino Deus como fonte dos carismas.

No v 7 Paulo “sublinha a unidade de Deus na diversidade de suas manifestações”<sup>65</sup>. O Espírito concede às pessoas o seu carisma e dons para benefício de toda a comunidade, servindo à edificação da comunidade. Os v. 8-10 ilustram a riqueza de carismas na comunidade, pois o Espírito os concede a cada um. No v. 8 mencionam-se “dois ‘dons da palavra’ (*logos*): a palavra da sabedoria e do conhecimento”<sup>66</sup>, ou seja, dons relacionados ao ensino na comunidade. A fé (*pistis*) está entre os carismas que constitui par com a cura (v. 9). A igreja antiga já distinguia a fé que salva e a fé capaz de operar milagres, sendo a fé que salva comum a todos e a que cura um dom especial. A fé constitui a força terapêutica que salva e cura. No v. 10 “o poder de fazer milagres”, integra os terapêuticos: libertação de poderes demoníacos, superação de dependências, restituição da sanidade mental. A profecia proclama a vontade de Deus, anuncia Jesus Cristo e seu evangelho, de modo claro e inteligível, discernindo os espíritos.

E, por fim, Paulo cita a glossologia relacionada com o carisma da interpretação/tradução, um dom entre vários dons, que Paulo coloca no último lugar da lista. Os “tipos de línguas”, um fenômeno heterogêneo que tem em comum a expressão verbal incompreensível, sem controle da razão, necessitam interprete para um fim proveitoso (v 7). O v 11 reafirma os carismas como frutos do Espírito. Uma porção distribuída a cada um e, há reciprocidade, pois eles procedem da mesma fonte e se complementam mutuamente. Quando institucionalizados, se tornam ministérios organizados. Mas “a dinâmica da comunidade depende essencialmente [...] dos carismas de seus membros”<sup>67</sup> diz Brakemeier.

---

<sup>64</sup> BRAKEMEIER, p. 160.

<sup>65</sup> BRAKEMEIER, p. 161.

<sup>66</sup> BRAKEMEIER, p. 161.

<sup>67</sup> BRAKEMEIER, p. 163.

### 2.2.2 - Muitos membros em um só corpo, diversos e complementares: 12,12-26

A partir do v 12 o protagonista passa a ser “o corpo [...] de Cristo (v 12.27; cf.v.5) e nele o trabalho de Deus (v 18. 24.28; 6). A Igreja é um só corpo por Cristo (v 12) e pelo Espírito que a conduz a unidade (v 13)”<sup>68</sup>. O corpo constitui-se de membros com funções diversas, que necessitam uns dos outros; destinados por Deus à unidade, à colaboração e a compartilhar sofrimento e glória (v 14-16). O texto conclui (v 27-31) dizendo que o Corpo é a Igreja. Nela Deus colocou ordem e funções: apóstolos, profetas, mestres e mais outros como atuações de poder, dons de cura, ajuda, governo, diversas línguas.

Conforme Foulkes<sup>69</sup>, a metáfora do corpo designa o papel do indivíduo em relação ao Estado, ou seja, a sua subordinação em vista de um bem comum. O uso da metáfora tem como fim manter a estabilidade e a concórdia nas estruturas da sociedade. Paulo, portanto, usa a metáfora dos escritores políticos. Porém, P Hoffmann sustenta: “Pablo argumenta mediante la metáfora [...] – a favor de los marginados y de los débiles - , y establece en el reconocimiento de la diversidad de los miembros, la igualdad de derechos de todos”<sup>70</sup>. Desta forma Paulo responde às preferências e menosprezos dos membros da comunidade quanto aos distintos dons e advoga que as pessoas com dons mais humildes sejam valorizadas e respeitadas e não depreciadas ou subordinadas (12,22-25). Paulo argumenta a favor da diversidade e multiformidade dos membros do corpo como estratégia de resistência à imposição de líderes. O Espírito reparte os diversos dons à igreja (12,8-11) e incorpora ao corpo de Cristo a multidão de pessoas muito diversas entre si (12,13). O Espírito, parteiro da nova criação, atrai as pessoas à fé. Temos sido batizados por um mesmo Espírito, Espírito que dá vida e vigor: “se nos deu a beber de um mesmo Espírito” (12,13).

Nos v. 15-20, Paulo ilustra a pluralidade e a diversidade dos membros da igreja e expõem as rivalidades existentes no corpo de Corinto. Elas se superam pelo reconhecimento da legítima e necessária diversidade. Os v. 21 – 26 abordam a problemática do desprezo de uns pelos outros. Por isso, Paulo se dirige aos que se sentem coibidos ante os líderes mais estimados e os dons mais chamativos. A diferença de status socioeconômico (1,26-28; 11,22)

<sup>68</sup> BOSCH, p. 190.

<sup>69</sup> FOULKES, p. 347

<sup>70</sup> HOFFMANN, p.194. apud FOULKES, “Paulo argumenta mediante a metáfora [...] a favor dos marginalizados e dos fracos - e estabelece, no reconhecimento da diversidade dos membros, a igualdade de direitos de todos”. p.348. (Tradução nossa).

produz a discriminação da parte dos favorecidos em relação aos desfavorecidos. Quanto ao apreço pelos mais frágeis, outros princípios regem a comunidade cristã, pois os frágeis são essenciais ao corpo e não supérfluos (11,22). O respeito se deve aos menos dignos porque Deus os tem honrado (12,23-24). Há mútua interdependência no corpo: o que afeta a uns afeta a todos (12,26). A visão de Paulo quanto à “comunidade de desiguais (1.26-28) es que las personas de más poder e influencia hagan suya la situación del los ‘menos honrosos’ (12,23) identificándose con ellos”<sup>71</sup>. Paulo quer que os mais fortes não mais desconsiderem os fracos, porém convivam e reconheçam seus dons.

Segundo Brakemeier Paulo reinterpreta a imagem do corpo para colocá-la a serviço do evangelho. Usa metáfora para ilustrar a relação entre diversidade e unidade dos membros da comunidade. O v. 12 não permite à diversidade romper com a unidade, pois ela precisa caber num só corpo. Neste e no próximo versículo Paulo chama atenção ao “tríplice *hen soma* (um corpo) e duplo *hen pleuma* (um Espírito)” (v.12-13), pois o Corpo de Cristo não pode ser dividido. Cristo, o pré-existente, constitui “o corpo que compõe os membros”<sup>72</sup>. Desta maneira, Jesus Cristo constitui a Igreja.

“As pessoas são batizadas por um mesmo Espírito para dentro (!) de um mesmo corpo. Elas são ‘incorporadas’ em Cristo, inseridas em seu corpo, integradas em sua comunidade”<sup>73</sup>. O batismo “em um só Espírito” destina-se a todos, integrando os diferentes numa nova comunhão na qual todos gozam da mesma dignidade e mesmo valor. O corpo de muitos membros (v. 13-14) funciona pela diversidade de órgãos; há “biodiversidade”, pensamento este desdobrado no v. 15-16. Pé, mão, olho e ouvido, na imagem em si, não podem existir separados do corpo; mas isso é possível na comunidade. Por isso Paulo insiste na integridade do Corpo; ele consola os fracos e “inúteis” e repreende os fortes e “superiores”. Há diversidade de funções que mantêm o corpo: ouvido, olfato; todos igualmente importantes (v. 17).

No v. 18: Deus dispôs os membros no corpo como quis: cada pessoa com sua função /carisma e, por isso as querelas, o menosprezo e a vanglória ofendem a Deus. A multiplicidade e a diversidade necessária porque “um membro por si só é incapaz de

---

<sup>71</sup> FOULKES, “comunidade de desiguais (1,26-28) é a que as pessoas de mais poder e influência façam sua a situação dos ‘menos honrosos’ (12,23) identificando-se com eles”. p. 349. (Tradução nossa).

<sup>72</sup> BRAKEMEIER, p. 165.

<sup>73</sup> BRAKEMEIER, p. 165.

constituir o corpo”<sup>74</sup> (v. 19-20). Há um “diálogo” entre os órgãos (v. 21): a cabeça não prescinde dos pés e até os membros que parecem fracos são necessários (v. 22). Desta forma, Paulo dá uma freada nos “*pneumáticos*”, sem negar a existência de membros fracos (v. 23). O menos digno compensa-se pelo revestimento de honra, atenção, ornamento e vestes (v. 24). O v. 25 evidencia que a divisão ameaça, perverte e trai a vocação pelo cuidado de uns para com os outros. No corpo há necessidade da cooperação e recíproca responsabilidade de todos. O v. 26 acrescenta o aspecto da comunhão solidária: quando um sofre, os demais sofrem com ele/ sentem simpatia por ele (*sympache*). O que afeta a um, afeta o corpo todo. A comunidade cristã constitui-se de corpo, para cuja unidade e vida a diversidade de carismas de seus membros é necessária.

### **2.2.3 - Dons e serviços na Igreja, diversidade de dons e pluralidade no serviço: 12,27-31**

No v. 27 Paulo volta à afirmação: “Vós sois o Corpo de Cristo” referindo-se à comunidade de Corinto e às demais comunidades cristãs. A comunidade local manifesta esse Corpo, a Igreja, da qual os fiéis são membros “em parte” (*ek merous*), o que pode significar “cada qual segundo a sua porção”, ou expressar que ninguém em si reúne a plenitude da qual todos são parte/ participam. O v. 28 volta a enumerar carismas com novos aspectos: menciona apóstolos, profetas e mestres, e sublinha como no v. 18, que Deus assim o dispôs. O apóstolo refere-se a pessoas que portam funções. Por isso, a seqüência tem importância: Os apóstolos têm prioridade em relação às futuras gerações cristãs; eles conviveram com Jesus Cristo, são do início da Igreja e, são importantes à Igreja por sua missão itinerante. Os profetas e mestres atuavam mais em comunidades locais, no ensino e na instrução, como portadores do “carisma querigmático”.

Paulo prossegue falando em funções agregando a atividade diaconal e diretiva: *antilempseis* são serviços de assistência, prestação de ajuda, de pronto-socorro, e *kybernesis* designam funções de liderança; atribui a elas à natureza de carisma: a administração, a diaconia e a caridade igualmente procedem da ação do Espírito divino (v. 29). Paulo os “agrega a la lista para provocar a sus lectores a respetar la repartición de los dones”<sup>75</sup>. Deus assim os dispôs na Igreja (12,28) como “capacidad dada por el Espíritu, de guiar a la

<sup>74</sup> BRAKEMEIER, p. 167.

<sup>75</sup> FOULKES. “agrega à lista a fim de provocar seus leitores a respeitar a repartição dos dons” p. 351. (Tradução nossa).

comunidade eclesial”<sup>76</sup>. Por último, ao final da lista, Paulo acrescenta o dom mais apreciado pelos coríntios: a diversidade de línguas (v. 8-10.28).

Nos v. 29-31, Paulo interroga seus leitores com perguntas típicas da *diatribe*, que sugerem resposta negativa: “Acaso todos são apóstolos...?” (v. 29). As perguntas são retóricas e conduzem os leitores à conclusão de que nada e ninguém podem exigir que todos tenham um dom particular e nem o dom das línguas. Desta maneira preserva a “diversidade cooperante” dos dons e exorta à busca dos carismas maiores, os de “máximo proveito”. A utilidade constitui o critério último. Cabe, sim, a busca ativa de servir à Igreja através dos dons mais valiosos (12,31), os que mais contribuem para a edificação (14,3-5.12). Contudo, existe outro princípio, o mais sublime dos dons, o caminho excelente. O v. 31 introduz o tema medular da sessão: “o melhor caminho” para chegar à experiência de Deus é a prática do amor. Paulo encerra a transição em 14,1: “Sigam o amor e procurem os dons espirituais”.

### 3 - Hino do amor: 1Cor 13

O capítulo 13 constitui a medula da subsecção (capítulo 12-14) da carta. A estrutura literária “comunica por si sola que el amor es lo que convierte a los dones en instrumentos utilizables del Espíritu”<sup>77</sup>. O texto, conectado ao seu contexto literário e social, revela o conflito entre Paulo e alguns líderes de Corinto (9,1-12). A sua estrutura concêntrica subdivide-se em três partes: os v. 4-7 (a natureza do amor) situam-se entre duas auto-referências: a dos v. 1-3 (a nulidade da grandeza humana) e a dos v. 8-13 (a qualidade perene do amor). O texto está arraigado em experiências pessoais de Paulo no trabalho de evangelizar e impulsionar as comunidades à maturidade.

Paulo expõe o critério máximo para avaliação dos carismas, o que constitui um dos pontos culminantes da carta. O “hino do amor” ou “cântico”, uma “pérola lavrada” segundo Brakemeier, em estilo solene e lapidado, enaltece a *ágape*/amor e exalta suas qualidades. No mundo grego-judaico costuma-se exaltar uma virtude ou um valor supremo; porém ninguém

---

<sup>76</sup> FOULKES, “capacidade dada pelo Espírito para guiar a comunidade eclesial”. p. 352. (Tradução nossa).

<sup>77</sup> FOULKES, “comunica por si só que o amor é o que converte os dons em instrumentos utilizáveis pelo Espírito”. p. 355. (Tradução nossa)

apregoa o amor como o mais excelente caminho ao ser humano. Trata-se de um termo que o NT acolhe da Septuaginta e ao qual confere centralidade.

### 3.1 - O Amor e os dons espirituais: 13,1-13

Das três partes que formam o hino, os v. 1-3 e 8-13 criticam o pneumatismo coríntio, enquanto os v. 4-7 descrevem a natureza e a ação da *agape*: “diante de Deus tudo é nada sem a *agape*” (...) “a *agape* não cai com a consumação, mas permanece”. (...) “Em 1Cor 13 deduz-se em que sentido a *agape* é o caminho supremo (12,31), cumpre procurá-lo (14,1)”<sup>78</sup>.

Barbaglio comenta<sup>79</sup>: 1 Coríntios 13,1-13 parece uma digressão fora do lugar. O início do capítulo 13: “Aspirem aos dons do Espírito” retoma a exortação de 12,31a “Aspirem aos melhores/ mais valiosos carismas” ou “E mais, quero mostrar-lhes a via da excelência”, e conclui dizendo em 14,1 “Procurem o amor”. O tema do amor em 1Cor 12,31 se liga com os demais carismas, conectado com o confronto entre o amor e os dons do Espírito no c 13.

Neste capítulo a forma e o conteúdo da poesia coincidem com exatidão. A simetria poética das expressões se encontra nas cinco orações da primeira parte, iniciadas sempre por “se eu...” ou “ainda que eu...” (v.1-3). A complexa sintaxe dessas orações contrasta com as breves frases dos versículos 4-7. Neles se descreve, em ritmo poético, como atua a pessoa que ama as outras. O autor emprega recursos poéticos semelhantes, contrastando o que é parcial e incompleto agora com o que será na escatologia.

Ao sinalizar o “caminho mais excelente” (12,31b), Paulo pretende enquadrar os dons espirituais dentro de um único contexto ético, determinado pelo amor, o que lhes permite cumprir sua função de contribuir para o proveito do corpo. (12,7). Esta reflexão responde à “situación conflictiva dentro de la iglesia sobre la superioridad de unos dones más vistosos sobre otros menos llamativos”<sup>80</sup> (14,2-19).

---

<sup>78</sup> SODING, THOMAS. *A Tríade: Fé, Esperança e Amor Em Paulo*. São Paulo. Loyola 2003, p. 97.

<sup>79</sup> BARBAGLIO, p. 332.

<sup>80</sup> FOULKES, “situación conflictiva dentro da comunidade sobre a superioridade de uns dons mais vistosos sobre outros menos chamativos” p 357.

### 3.1.1 - A Excelência do amor 13,1-3

Paulo sustenta: nada valem as línguas humanas se o que move a pessoa não for o amor e, provoca os de conhecimento dos deuses que “atropellan a sus hermanos débiles y los ponen en peligro de apostar”<sup>81</sup>(8,10-12). A ênfase sublinha que “nenhuma realidade tem valor se falta o amor”<sup>82</sup>.

Os primeiros dois versículos avaliam quem possui os carismas da glossologia, da profecia, do conhecimento de todos os mistérios, da fé taumatúrgica, que nada valem se exercidos sem amor. No v. 1 Paulo menciona que as línguas, de humanos ou anjos, não prestam se não são exercidas com amor. O bronze que soa e o címbalo que retine (sonoridade extasiante) mostram que o falar em línguas não passa de barulho, som vazio ou “irritação acústica”. Paulo tem em alto apreço a profecia. Ainda assim, sem a prática do amor ela nada é (13.2). Ele fala a partir da possibilidade de alguém conhecer todos os mistérios, ser dono do conhecimento, e possuir toda a fé. Refere-se à elite religiosa, aos baluartes da fé, aos profetas... Mas se não for exercido com amor, nada disso tem valor. Vale lembrar que o juízo que Paulo emite é negativo em relação a pratica e não em relação aos carismas. O desamor aniquila as pessoas, não os carismas.

O v.3 menciona obras assistenciais humanas: o verbo *psomizein* significa “dar de comer”. Os destinatários são os pobres. “E se eu entregar meu corpo para me gloriar/ ou para ser queimado”: as duas versões se encontram em manuscritos gregos antigos. É mais provável que Paulo se refira à segunda versão, ou seja, como uma referência ao martírio. Mesmo os sinais de altruísmo ou de heroísmo humanista, se nascidos de interesses egoístas, de nada valem. “O amor não é um carisma como os demais”<sup>83</sup>, pois ele está reservado para todos e deve perpassar os demais dons.

---

<sup>81</sup> FOULKES, “atropelam seus irmãos frágeis e os expõem ao perigo de apostatar (8,10-12) p. 357. (Tradução nossa).

<sup>82</sup> BARGALIO, p.334.

<sup>83</sup> BRAKEMEIER, p. 173.

### 3.1.2 - As propriedades do amor: 13,4-7

Nos v. 4-7 “enumeram-se quinze modos de atuar próprios da caridade” [...] “não procura o seu próprio interesse”<sup>84</sup>. O v 5b está no centro e, resume todos: “especifica como age e se relaciona a pessoa movida pelo amor”<sup>85</sup>: ela é generosa e benévola. Portanto, a *agape* define o ser cristão. A série de 15 verbos inicia e termina com afirmações positivas sobre o amor, num total de sete (13,4a.6b-7), que enquadram oito atitudes negativas, que não podem caracterizar a pessoa que ama. Todas se referem à situação da igreja de Corinto. Paulo resume aqui em forma poética os problemas tratados nos capítulos anteriores.

A pessoa que ama, sabe suportar as demais, mas vai além desta atitude, assumindo ações de bondade. Os v. 4b-6a expõem atitudes e ações opostas ao caráter bondoso e serviçal. A pessoa invejosa, levada pelo desejo, incrementa seus bens materiais ou espirituais à custa dos outros. É o que acontece entre os coríntios. Paulo os chama de “carnais”(3,3). Orgulham-se de prestígio “Y se priva igualmente de la oportunidad de dar-se a los demás”<sup>86</sup>. Em vez de edificar a comunidade, a destroem pela descrença, rivalidade e desconsideração às pessoas. Fartam-se e ficam bêbados na ceia, enquanto os irmãos pobres ficam com fome (11,4-7). O amor ao opor-se ao egoísmo promove o bem do outro, limita a liberdade em consideração e respeito à consciência do outro e por isso “se alegra com a verdade” (13,6a).

Quatro frases concluem a sessão e resumem o anterior (13,7), reforçando o efeito ao reiterar a palavra “todo”. Há um paralelismo entre ‘tudo desculpa’ e ‘tudo suporta’ e, entre ‘tudo crê’ e ‘tudo espera’, portanto, a capacidade de tolerar-se está em relação com a disposição positiva de uns em relação a outros. Motivadas pelo amor, as pessoas não perdem a fé nem a esperança ante um comportamento indesejado. Paulo mesmo demonstrou essa atitude aos coríntios quando ao final lhes assegura: “Com todos vós está o meu amor em Cristo Jesus” (16,24).

Brakemeier<sup>87</sup> afirma que nos v. 4-7 Paulo enfoca a natureza do amor. O estilo muda de hino para o doutrinal. O amor é personificado, ou seja, apresentado como se fosse um sujeito

---

<sup>84</sup> BOSCH, p. 190.

<sup>85</sup> BARBAGLIO, p. 335.

<sup>86</sup> FOULKES, “e se privam da oportunidade de dar-se aos demais” p. 358. (Tradução nossa).

<sup>87</sup> BRAKEMEIER, p. 174.



que atua. Paulo descreve suas propriedades em quinze enunciados que têm como pano de fundo a obra de Jesus Cristo e servem de orientação para mostrar como o amor é e age. O amor distingue-se pela longanimidade, paciência e bondade, como o próprio Deus. Ele regozija-se com o estado de direito resiste, perdoa, crê, espera, suporta. O amor *agapê* distingue-se de outras formas de amor (*philia* e *eros*), pois se doa em favor do outro. “Não busca o que é seu” (13,5b); excede o amor humano por apontar a realidade escatológica do reino de Deus: realidade presente e esperança. Dela provém a fé e o compromisso de andar no caminho de Deus. “Quem pratica *agapê* antecipa algo do mundo perfeito de Deus”<sup>88</sup>.

### 3.1.3 - A permanência do amor 13,8-13

“E, ao final a tese: o amor permanece (v8a). Os dons do Espírito passarão (vv8b-12). [...] Permanecem a fé, a esperança e a caridade (amor)”<sup>89</sup>. A mais importante é a caridade (v. 13). O amor contrapõe-se às experiências carismáticas, elas são realidades parcial, limitada e imperfeita; só o amor constitui a perfeição cristã. Paulo insere o amor na tríade teologal presente em 1 Ts1,3 e 5,8 “Agora portanto, permanecem estas três realidades: a fé, a esperança e o amor”. A maturidade cristã está no amor. E mais, Paulo emoldura o texto pelas afirmações: “O amor nunca deixa de ser” (v8a) e “permanecem a fé, a esperança e o amor... o maior deles é o amor” (v. 13). O texto inicia e conclui com a palavra amor. Os dons da profecia, das línguas e da ciência, tão apreciados pelos coríntios, se acabarão, mas o amor vai perdurar<sup>90</sup>. O amor não se acaba, perdura mesmo ao instaurar-se a “o cumprimento de todas as coisas”.

A igreja faz a experiência de um conhecimento incompleto, mesmo tendo a profecia (13,9). Todavia, aguarda de Deus a plena manifestação que suplantará a parcial (13,10). A provisão rica e valiosa dos dons do Espírito à igreja, constitui uma experiência do transitório. Contudo, são eles que sustentam e orientam as comunidades no tempo anterior à escatologia. Os dons serão dispensáveis quando o Senhor se manifestar plenamente. Paulo o explica ao propor-se como exemplo: (13,1-3) a criança que se converte em adulta (13,11) abandona o que é de criança. Da mesma forma há ruptura entre a vida presente e a que há de vir. Esta ele

---

<sup>88</sup> BRAKEMEIER, p. 175

<sup>89</sup> BOSCH, p. 190.

<sup>90</sup> O verbo *katargeo* “acabar-se” se repete quatro vezes em 13,8. 9 e 11.

compara à diferença entre a percepção do que vê como em um espelho de metal e a observação direta em toda a sua claridade (13,2).

Reaparece um segundo contraste entre o agora e o então: agora o conhecimento é parcial (13,12b); a plenitude do conhecimento estará ao nosso alcance no momento em que culminar a história humana e, se instaurar a relação direta com Deus; “então compreenderei como Deus me tem compreendido”. Assim Paulo põe freio a qualquer tendência, que poderia estar se forjando, como a tendência ao gnosticismo. Ao conhecimento Paulo dá pouco valor, pois ele acaba (13,8b). Ao contrário, a fé, a esperança e o amor perduram (13,13). Segundo Barret, a fé continua mesmo na escatologia como reconhecimento agradecido a Deus e à sua graça. A esperança se manterá na relação “face a face” (2 Cor 5,7); por enquanto esperamos o que não vemos (Rm 8,24). O que permite a inclusão destas junto ao amor é o apreço que gozava a tríade “fé, esperança e amor” na Igreja Primitiva. Apesar do caráter escatológico da fé e da esperança, Paulo afirma que o amor as supera como supera a todos os demais dons espirituais. Assim, Paulo encerra o capítulo sobre “o caminho mais excelente”.

Brakemeier identifica o estilo desse texto como veladamente polêmico. No v. 8 o acento recai no amor como parte da “realidade escatológica” que não acaba jamais; está para além do tempo e do mundo. Os coríntios tinham os carismas como primícias da perfeição. Paulo, em contrapartida, afirma que os temos apenas em fragmentos (v.9). Sobre ninguém o Espírito “despejou a plenitude de sua riqueza”<sup>91</sup>. Quando vier o perfeito, os carismas serão suplantados (v.10). Permanece o amor como perene vínculo de perfeição (Cl 3,14). Entre o presente e o futuro, há uma significativa diferença, pois “agora vemos num espelho num enigma, depois veremos face a face” (v.12). Agora nosso conhecimento é indireto: só na escatologia teremos o face a face com Deus. O v. 13 “fé, esperança e amor” provém da tradição judaica helenista e constitui uma unidade. São elementos básicos da existência cristã. O crer e o esperar passarão pela transformação: do crer ao ver e, do esperar ao cumprimento. Eles não acabarão. Confiar, esperar e amar constitui parte da relação filial com Deus. O amor é o maior porque Deus é amor.

Foulkes sugere: No interior da comunidade cristã “debe forjar-se un amor solidario entre personas de diversas condiciones que les permita enfrentar juntos, y con autoridad

---

<sup>91</sup> BRAKEMEIER, p. 176.

moral, las embestidas injustas que sufran algunos de sus miembros en la sociedad”<sup>92</sup>. “O amor não se alegra com a injustiça” (13,6). Quem ama busca mudar as injustiças que atingem a vida das pessoas. A prática do amor capacita as pessoas para este combate. Todos são admoestados a não buscar seus próprios interesses (13,5), e sim, promover o bem de todos.

### 3.1.4 - A Tríade na conclusão do Hino: 1 Cor 13,13

A comunidade dá a Paulo a tarefa: “não só instar para que os Coríntios se tornem novamente uma comunidade cristã [...] ele deve [...] lidar com as opções teológicas que conduziram à práxis problemática”<sup>93</sup>. 1Cor 12-14 é uma exortação ética; “uma reflexão teológica sobre os carismas (12,3-11.28s) e a ekklesia (12,12-27), sobre o serviço a Deus (c 14), a confissão de fé (12,5s.10) e a práxis cristã (c 13)”<sup>94</sup>.

A tríade constrói a conclusão do hino, destacando o que vem antes. A *agape*, a *pistis* e a *elpis*, têm papel central. A tríade acolhe o que já foi mencionado antes: sobre a fé e a esperança que falava o v. 7. O verbo ‘permanecer’ remete aos v. 1-3 e 8; a supremacia da *agape* remete aos v. 4-7. Por que Paulo retorna à tríade e cita fé e esperança ao lado do amor? A resposta pressupõe a compreensão de *pistis* e *elpis* em 1Coríntios. “Fé e esperança repousam no evangelho da morte e ressurreição de Jesus Cristo” (15,3-5). Se isto faltasse, o poder de salvar de Deus se esgotaria no presente, redimindo apenas alguns com distinção especial. A fé seria vazia (15,14.17), a esperança enganadora (15,19) e, iludiriam quanto à morte. A fé se fixa “em Deus, que despertou o crucificado dos mortos”<sup>95</sup>, manifestou sua vontade da ressurreição dos mortos; e “na esperança alinha-se com o futuro de Deus”<sup>96</sup>, na possibilidade da salvação pessoal e a de todos os crentes.

---

<sup>92</sup> FOULKES, “deve forjar-se um amor solidário entre pessoas de diversas condições, que lhes permite enfrentar juntos, com autoridade moral, as investidas injustas que sofrem alguns de seus membros na sociedade”. p. 363. (Tradução nossa).

<sup>93</sup> SODING, p. 97.

<sup>94</sup> SODING, p. 97.

<sup>95</sup> SODING, p. 109.

<sup>96</sup> SODING, p.109.

#### 4 – Profecia e Glossologia: 1 Cor 14

No capítulo 14, Paulo enfrenta o tema. É “como um argumento ininterrupto [...] com pausas para respirar”<sup>97</sup>. O vocativo ‘irmãos’ (v. 6.20.26) indica uma qualificação (v. 37) que introduz o final do discurso. Mesmo com referência ao futuro, conteúdo refere-se ao presente dos ouvintes que os provoca a evoluir na compreensão da mensagem (14,29-33). E pelo dom do discernimento dos espíritos, possam julgar “os espíritos dos profetas” (14,32).

Os diversos tipos de línguas, sua interpretação e características, compreendem-se pelas instruções do capítulo 14. “O don das lenguas capacita a la persona para hablar [...] que ni ella ni otros entienden (14,6.9.16) [...] el inspirado habla a solas con Dios y se edifica [...] a sí mismo”(14,2.4.17)<sup>98</sup>. É necessário que na comunidade haja pessoas que possam interpretar as línguas. Os dons não se excluem. Por isso quem fala em línguas também pode interpretá-las (14,14).

Paulo abre o capítulo 14 com a exortação: “Sigam o amor”. O verbo “perseguir”<sup>99</sup>, destaca o esforço. Portanto, “esforcem-se para ter amor” conforme Bíblia NTLH.<sup>100</sup> “empéñense en seguir el amor”<sup>101</sup> como traduz a NVI.(Nova Versão Internacional). Paulo respalda e incita os Coríntios a ambicionarem aos dons espirituais, sobretudo a profecia 14,1. Com a moldura (12,31;14,1) ao capítulo 13, Paulo ressalta a exigência do amor como parte da instrução sobre os carismas e o culto.

#### 4.1 - O critério para avaliar os dons: a edificação de todos: 14,1-19

O exercício dos dons necessita do amor que dá validade e eficácia à ação. Paulo retoma a questão dos carismas, exortando a comunidade a aprender a *agape* (v 1a), a premissa básica que não entra em conflito com a busca de outros dons espirituais (1b). Ela os estimula.

---

<sup>97</sup> BOSCH, p. 190 - 191.

<sup>98</sup> FOULKES, “O dom das línguas capacita à pessoa a falar [...] que nem ela e nem outros entendem (14,6.9.16) [...] o inspirado fala a sós com Deus e se edifica [...] a si mesmo (14,2.4.17) p. 347. (Tradução nossa).

<sup>99</sup> FOULKES, cf. nota 3 Grego *diego*. p. 366

<sup>100</sup> BÍBLIA NTLH. “Esforcem-se para ter amor” In NOVO TESTAMENTO interlinear. GREGO/PORTUGÊS incluindo o texto da Tradução de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada, 2ª edição e da Nova Tradução na Linguagem de hoje. Sociedade Bíblica do Brasil. 2004. p 650. (Tradução nossa).

<sup>101</sup> FOULKES, “Empenhem-se em seguir o amor”. p. 366. (Tradução nossa).

“O amor fornece (o) critério para identificação dos ‘carismas maiores’(12b)”<sup>102</sup>, ou seja, os que contribuem para a edificação da comunidade. Paulo concentra a exigência no amor tendo interesse na edificação da comunidade. Por isso estão em discussão os carismas da profecia e da glossologia - culto e missão.

#### 4.1.1 – A profecia edifica: 14,1-5

Os coríntios apreciam o dom das línguas. Aqui Paulo contrasta as características da profecia e das línguas (v. 2-5), pois o que é dito em línguas constitui mistério aos demais (v.2). Pelo dom das línguas a pessoa se comunica com Deus, que a edifica (14,4), “alienta y consuela a aquellos para ‘quienes el lenguaje verbal no es el medio más adecuado para comunicar sus vivencias’”.<sup>103</sup> Eis o detalhe que Foulkes relaciona ao uso do dom das línguas. Paulo deseja que todos falem, pois ele mesmo fala em línguas (v. 5. 18). No culto da comunidade, porém, há preocupação pela edificação de todos. Por isso Paulo recomenda a profecia (v. 12. 17). A edificação constitui a palavra chave e, seu caráter coletivo visa o conjunto da comunidade (14,4).

“En Corinto se avalúan los dones según la intensidad de su irrupción extática; se valorizan aun de acuerdo con su falta de inteligibilidad. Esta se considera como una indicación de que un poder sobrenatural está a la obra”<sup>104</sup>. O amor reivindica a profecia, que é compreensível a todos, edifica a comunidade, a anima e a consola (14,3). Paulo gostaria que todos profetizassem, porque a glossologia fala somente a Deus (v. 2). Ninguém entende o que a pessoa grita ou balbucia, porque a pessoa “fala mistérios no espírito” (v. 2). O discurso enigmático, a “irrupção extática” ou o êxtase seria sinal da ação do Espírito. A fala profética destina-se à edificação, à exortação e ao consolo (v. 3); constrói pessoas; faz crescer e progredir a comunidade. A glossologia edifica a pessoa sem proveito para a comunidade (v. 4). A fala em línguas é desejável, mas mais importante é que profetizem (v.5).

---

<sup>102</sup> BRAKEMEIER, p. 178.

<sup>103</sup> DOCUMENTO DE SÍNTESES: *Encontro de pentecostais latino americanos*, Salvador, Bahia, 1988, sessão II. Apud. FOULKES, “pois alimenta e consola ‘a quem a versão verbal não é o meio adequado a comunicar vivências’”.p. 367. “Tradução nossa”.

<sup>104</sup> COLZEMANN,1 *Corinthians*, págs. 233-234 apud FOULKES, “Em Corinto se avaliam os dons segundo a intensidade de sua irrupção extática; e mais, se valorizam mesmo de acordo com sua falta de inteligibilidade. Esta se considerava como uma indicação de que um poder sobrenatural está em ação”. p. 368. “Tradução nossa”.

#### 4.1.2 – O critério - a edificação de todos: 14,6-19

Em 14,6-11, Paulo lembra que os sons incompreensíveis deixam os ouvintes no vazio ou na confusão. Se Paulo chegasse a Corinto falando línguas, eles teriam tido algum proveito, revelação, conhecimento, profecia ou ensinamento? A igreja necessita que o apóstolo revele o evangelho que recebeu de Deus, e lhes reparte “conhecimento, profecia e ensinamento” (14,6). Assim serão edificados e motivados a seguir na fé cristã, pois a profecia lhes explica as coisas de Deus e exorta os crentes pela pregação inspirada pelo Espírito.

Paulo usa o exemplo da flauta e da cítara (v. 7): sem sons limpos e claros, como se reconhecerá e apreciará a música? Os soldados precisam do toque da trombeta. (v 8) e, se emitir um som indefinido, como preparar-se para a batalha? Da mesma forma, conclui Paulo, vosso discurso, se não for claro, não será entendido por ninguém. É fala ao vento (v. 9). Paulo se ancora num outro exemplo: Há variedade de idiomas/ línguas no mundo (v 10). Não há povo sem sua língua. Se a desconheço não nos entendemos (v 11).

Para uní a linguagem estática tem valor; pois quem “habla en lenguas experimenta [...] el influjo del Espíritu, y la manifestaciones abundante de este fenómeno [...] produce una exaltación colectiva que [...] se ha interpretado como el acceso a los privilegios celestiales del nuevo eón (4,8)”<sup>105</sup>. São elementos da vivência dos cultos anteriores que sobrevivem nos cristãos de Corinto que, num frenesi coletivo buscavam o arrebatamento do espírito. Mesmo que, “Ya están acostumbrados a escuchar – sin entender – muchos idiomas extranjeros”<sup>106</sup>; Paulo usa o exemplo para mostrar que os sons desconhecidos da glossolalia não contribuem para a celebração da comunidade.

A série de exemplos fecha com uma exortação (14,12). Paulo reconhece os coríntios como pessoas que buscam as manifestações espirituais: “Sois entusiastas de espíritus”<sup>107</sup>; eles prezam os dons espirituais. Já que os buscam, Paulo “les incumbe aspirar a la que más edifica

---

<sup>105</sup> FOULKES, “fala em línguas experimenta [...] o influxo do Espírito e a manifestação abundante deste fenómeno [...] produz uma exaltação coletiva que [...] se têm interpretado como o acesso aos privilégios da nova era celeste” p. 368. “Tradução nossa”.

<sup>106</sup> FOULKES, “acostumados a ouvir sem entender muitos idiomas estrangeiros” p. 369. “Tradução nossa”.

<sup>107</sup> FOULKES, “Sois entusiastas de espíritus” nota 12: “Griego: *zêlotai este pneumatôn*”. p. 369. “Tradução nossa”.

a la iglesia: la profecía”<sup>108</sup> e, insiste na edificação, tema que atravessa o capítulo. Os seres humanos sob o influxo do Espírito exercem seu próprio juízo e atuam em base a sua vontade em receber e praticar os dons do Espírito.

Nas orientações práticas dos versículos 13–19 Paulo demonstra que o princípio da edificação orienta as pessoas a deixarem o dom das línguas ao âmbito privado. O falar em línguas se justifica apenas quando há interpretação, (14,13; 12,10. 30; 14,27-28). Desta forma, Paulo estabelece o contraste entre o espírito e o entendimento na escuta das línguas (14,14-19). O entendimento exige a compreensão da comunicação lingüística, a fim de processá-la, entendê-la e, em conseqüência, atuar, orar e adorar. Edificar as pessoas tem a ver com comunicação verbal. “Meu espírito” e “meu entendimento” referem-se à comunicação com Deus, sem necessidade de uma linguagem consciente; esta experiência espiritual é parte da prática pessoal de Paulo (14,18-19)

A oração, o canto e a adoração são partes do culto de uma comunidade. Exigem o envolvimento de ambas as partes (14,15) para a edificação de todos e o ensinamento de outros (14,17. 19). Paulo testemunha: “Prefiro pronunciar cinco palavras inteligíveis que dizer dez mil misteriosas” (14,19). E, por isso Paulo aconselha às pessoas que roguem a Deus o poder de interpretar as línguas. Quando ora no Espírito em línguas, a razão não participa e fica sem rendimento/fruto (v. 14). A razão deve acompanhar quando a pessoa ora ou canta (v. 15) para haja uma “liturgia consciente, sensata e lúcida”<sup>109</sup>. A razão humana pensa e presta contas da confissão e a integra no ato de fé. Como dizer o “amém” às orações se não as entenderam (v.16)? Há impossibilidade de aderir às orações da comunidade por serem proferidas “em línguas” e somente acontecerem no ‘Espírito’. O Amém confirma orações e testemunhos. A ação de graças e a bênção (v. 17) codificadas na glossologia, devem ser remetidas à privacidade por não edificarem a outros/as. “Esse carisma exige discurso racional”.

#### **4.2 – Exortação - sejam maduros em seus critérios: 14,20**

Eis a medula do capítulo 14. Nela Paulo exorta à maturidade e condena a conduta de exhibir dons, em detrimento da edificação dos irmãos. Eles devem amadurecer seu pensar,

---

<sup>108</sup> FOULKES, “os incumbe aspirar ao que mais edifica a igreja: a profecia” p. 369. “Tradução nossa”.

<sup>109</sup> BRAKEMEIER, p. 180.

deixar o egoísmo e voltar-se aos outros. Quanto à malícia sede crianças, para o bem dos outros; porém sejam maduros no amor. A exortação refere-se tanto aos v. 2-19 quanto aos que seguem (21-38). Paulo exorta os coríntios “a não ser ‘crianças’ em seus juízos [...] gente imatura, inapta em compreender e avaliar”<sup>110</sup>. Na malícia sim, importa ser menor de idade (Rm 16, 19). Quanto à glossologia, tenham juízo de pessoa adulta, pois empolgar-se com sensacionalismo extático se caracteriza como atitude infantil.

### 4.3 – O uso dos dons: 14,21-38

Nestes versículos Paulo dá as instruções de como exercer os dons à edificação, preocupando-se quanto ao proveito da comunidade e a extensão missionária. “Qué impresión provocará en ’los de afuera’ la práctica de la glosolalia y la profecía entre los cristianos?”<sup>111</sup> Desta questão tratam os vv 21-25.

#### 4.3.1 - Glossologia e Missão: 14,21-25

No v. 21 Paulo cita Isaías: “O povo que não crê receberá como sinal: os assírios invadirão o país e falarão um idioma que ninguém entende” (Is 28,11-12). Deus lamenta que o povo não queira ouvir quando lhe fala por pessoas e lábios estrangeiros. Os israelitas persistiram na desobediência e falta de fé. O leitor percebe logo as contradições: Como as línguas são sinais para incrédulos? (v. 22) Não dirão que estais loucos (23)? Por que se destaca a reação dos incrédulos se a profecia é sinal para os crentes (v. 24-25)? O falar em línguas constitui sinal somente para crentes: “Verdadeiramente Deus está entre vós” (25). Segundo Foulkes, a Igreja de Corinto está convencida que as línguas provam à presença do Espírito na pessoa e no culto. Paulo discorda desta compreensão, recorrendo a não cristãos que, presenciando a glossolalia, a chamam de loucura (14,23), como nos tempos de Isaías (Is 28,11-12). São incrédulos! Paulo, assim, confirma sua postura comunicada no início do capítulo: A glossologia é ineficaz para edificar pessoas. (14,2-5). A profecia confirma os crentes na fé e “a glosolalia confirma la falta de fe de los incrédulos”<sup>112</sup>. A profecia é sinal para os crentes (14,22), porque a profecia produz crente (v. 24-25). Ouvindo em seu idioma,

---

<sup>110</sup> BRAKEMEIER, p. 182.

<sup>111</sup> FOULKES, “Que impressão provocará ‘aos de fora’ a prática da glossologia e a profecia entre os cristãos?” p. 371. “Tradução nossa”.

<sup>112</sup> FOULKES, “a glossologia confirma a falta de fé dos incrédulos” p. 372. “Tradução nossa”.



os não cristãos entendem a mensagem profética que lhes cai no coração, os impulsiona ao arrependimento e à fé. O carisma da profecia “convence a las personas que el poder de Dios opera en su comunidad”<sup>113</sup>.

Os de fora têm a impressão “bando de maníacos, loucos, doidos” (v.23) ao entrarem numa reunião de fala em línguas. Será diferente se os visitantes assistirem a uma fala de profetas (v. 24). A profecia articula o evangelho em graça e juízo, convencendo o ser humano de sua real situação perante Deus. Ela questiona o ser humano, o julga, examina. “Arranca suas fachadas, desmascara os segredos do coração” (v. 25)<sup>114</sup>. O efeito da profecia como obra de Deus, prova o coração e conduz da descrença à fé. O culto da comunidade constitui um privilegiado lugar missionário, “desde que seja realizado em linguagem profética”<sup>115</sup>. A glossologia, ao contrário, bloqueia o processo da fé e trava a missão.

#### **4.3.2 - Ordem cultural e Comunidade: 14,26-33.**

Nestes versículos, Paulo regulamenta as intervenções dos carismáticos nas reuniões comunitárias e, desafia os leitores a tirar sua conclusão sobre a necessidade de ordem no culto numa comunidade em que o Espírito tem concedido carismas a muitas pessoas. E volta a propor o critério da edificação de todos (14,26; 3-5.12). Significa que só uma pessoa por vez deve falar, e que os demais ouçam a mensagem e a avaliem (14,29). Wire observa: este estilo de reunião contribui para forjar “um sentido de comunidade”, diferente de outro em que só um fala. Num grupo que estimula as pessoas a fazer uso da palavra, supõe-se que as pessoas também falem, seja identificando-se ou se opondo com o que foi dito. O que “‘Esto no significa ausencia de contenido racional ni falta de escuchar. El evento primordial [...] es la comunidad hablante’ que de esta manera va afirmándose”<sup>116</sup>. Para Paulo, a comunidade tem proveito se um fala de cada vez, mesmo que alguns devam calar seu carisma, especialmente o dom das línguas se não há intérprete (14,28; 14,13). Paulo, “lo relega al uso privado, donde cumple mejor su propósito de proveer una estrecha comunión personal con Dios”<sup>117</sup>.

---

<sup>113</sup> FOULKES, “convence as pessoas que o poder de Deus opera em sua comunidade” p. 372. “Tradução nossa”.

<sup>114</sup> BRAKEMEIER, p. 183.

<sup>115</sup> BRAKEMEIER, p. 184.

<sup>116</sup> WIRE, A.C. *Women prophets*, p. 144. apud FOULKES, “não significa ausência de conteúdo racional nem falta de escutar. O evento primordial [...] é a comunidade falante, que desta maneira se vai afirmando” p.372. “Tradução nossa”.

<sup>117</sup> FOULKES, “o relega ao uso privado onde cumpre melhor seu propósito de proporcionar uma estreita comunhão pessoal com Deus”. p. 372. “Tradução nossa”.

Esta secção da carta constitui um acesso ao interior da comunidade cristã primitiva. “Participativo en grado extremo, el culto se desarrolla sin liderazgo aparente”<sup>118</sup>. Cada um dá sua contribuição: um hino, um ponto doutrinal, uma exposição, um falar em línguas junto à interpretação (14,26). Ainda que Paulo insista em ordenar ou limitar a participação, sempre várias pessoas tomarão a palavra na reunião (14,27. 29.31).

Os carismas não escapam ao controle consciente das pessoas que os recebem. Paulo recorda que “os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas” (14,32) As manifestações do Espírito estão sob seu controle. A relação entre Deus e o crente constitui uma relação de sujeitos. O Espírito põe a pessoa numa relação pessoal e responsável com Jesus Cristo. Os dons do Espírito, em respeito a esta condição, qualificam o carismatismo. Ele “difiere del trance místico o el frenesí extático de algunas de algunas religiones paganas”<sup>119</sup>. Inspiração do Espírito e disciplina pessoal no uso do dom situam-nos no interior do carismático. Deus é de paz e não de desordem (14,33). Na comunidade, os inspirados por Ele servem a essa paz (14,40).

Os dons em Corinto haviam tornado as reuniões tumultuadas, porque todos falavam ao mesmo tempo, comprometendo a edificação da comunidade. Por isso Paulo reage quanto ao uso da palavra. Sua reação nos permite visualizar a “vida cultural de uma comunidade das origens”<sup>120</sup>. Os cultos eram participativos, improvisados e espontâneos. Todos contribuíam com salmos, hinos ou cânticos, ensino, revelação, glossologia e sua interpretação (v. 26s). Permite-se o falar em línguas nas celebrações, desde que haja intérprete e, no máximo, três (v. 27-28). Paulo também sugere que sejam três os profetas “a serem ouvidos numa reunião”<sup>121</sup> (v29); os demais avaliem a pregação. “Cabe aos profetas” com a comunidade, o “discernimento dos espíritos” (12,10). “Prova [...] disso é fato de a carta ser dirigida ‘à Igreja de Deus que está em Corinto (1,2)’”<sup>122</sup>.

---

<sup>118</sup> FOULKES, “Participativo em grau extremo, o culto se desenvolve sem liderança aparente”. p. 373. “Tradução nossa”.

<sup>119</sup> FOULKES, “difere do transe místico e do frenesi estático de algumas religiões pagãs”. p. 373. “Tradução nossa”.

<sup>120</sup> BRAKEMEIER, p. 185.

<sup>121</sup> BRAKEMEIER, p. 185.

<sup>122</sup> BRAKEMEIER, p. 186.

Se alguém na comunidade tiver uma revelação, quem estiver falando deve-lhe ceder a palavra (v.30). Cada um pode usar a palavra, mas em ordem (v. 31), a fim de assegurar a edificação pela aprendizagem, pela exortação e pelo consolo de todos. Isso se deve à lucidez do discurso dos profetas que, cientes de si mesmos e responsáveis pelo que dizem, são donos dos seus espíritos (v. 30-32). Exercem seu dom com responsabilidade e devem “responder por prejuízos causados [...] à comunidade. Deus não quer a desordem, [...] a confusão. Ele é o Deus da paz”<sup>123</sup> (cf. 1Ts 5,23; Rm 15,33; 1Cor 14, 33a) .

#### 4.3.3 - A questão das mulheres: 14,33b-36

Barbaglio refere-se ao texto<sup>124</sup> como “surpreendente”, nele está ausente à problemática própria do capítulo. Em 11,2-16 tratava-se de atividade carismática das mulheres; aqui a proibição refere-se ao ato de pedir explicações. Conforme a nota 171<sup>125</sup>, “Paulo quer limitar, no possível, a atividade pública da mulher, sem [...] opor-se à liberdade do Espírito”. Uma interpolação posterior contrasta com o unânime testemunho dos manuscritos: nenhum deles omite os v. 33b-36. Segundo Barbaglio, Paulo, preocupado com as confusões, “proíbe as intervenções ‘não carismáticas das mulheres’, ou seja, suas perguntas sobre isto ou aquilo” (v. 35)<sup>126</sup>. “Está em ação [...] a mentalidade judaica que não tolera a iniciativa das mulheres de intervir em público”<sup>127</sup>. Analisando, chega-se à conclusão que o texto representa “uma recaída de Paulo a esquemas rígidos”<sup>128</sup>, depois de interpretar com liberdade, nos capítulos 12-14 “a articulação carismática da Igreja”<sup>129</sup>. Justifica-o pela influência do “caráter entusiasta e libertário do movimento de emancipação feminina presente em Corinto”<sup>130</sup>, ao qual se opõe com energia.

Neste texto há um problema textual: em alguns manuscritos do tipo de texto ocidental, estes versículos aparecem depois do v. 40. Após longa discussão, Irene Foulkes diz: “En vista de que este párrafo flotante no encaja [...] en ninguno de los dos lugares donde aparece en los

---

<sup>123</sup> BRAKEMEIER, p. 186.

<sup>124</sup> BARBAGLIO, p. 348.

<sup>125</sup> KÜMMEL, W. G. apud BARBAGLIO, p. 349.

<sup>126</sup> BARBAGLIO, p. 349

<sup>127</sup> BARBAGLIO, p. 349.

<sup>128</sup> BARBAGLIO, p. 350.

<sup>129</sup> BARBAGLIO, p. 350.

<sup>130</sup> BARBAGLIO, p. 350

manuscritos, se contempla la posibilidad de que no fuera originalmente parte del capítulo”<sup>131</sup>. À margem do manuscrito se teria introduzido uma “glosa”. Permitiam-se aos copistas erros de cópia, pequenas mudanças para aclarar alguma expressão. Alguns chegavam a agregar notas na margem do manuscrito. A glosa se refere à hipótese de que posteriormente no c. 14 foi introduzido um elemento no esforço de justificar a atitude da igreja mais tardia, cada vez mais patriarcal conforme 2 Tm 2,12.

Na opinião de Brakemeier, os v. 33b-36 são os mais controvertidos da carta. Apontam para uma práxis que haveria em todas as igrejas. Paulo ordena que as mulheres fiquem caladas nas reuniões da comunidade, fundamentando isto com a lei que exige submissão (v. 34). Se querem aprender, perguntem a seus maridos em casa. É indecente à mulher falar na igreja. O argumento é reforçado por uma pergunta: “Partiu de vós a palavra de Deus? Ou chegou somente a vós?” (36). Aos cristãos de Corinto não cabe nenhum monopólio: eles deveriam respeitar uma norma praticada nas demais igrejas.

Alguns códices gregos e algumas antigas tradições latinas pertencentes ao “texto ocidental” transferem v 34-35 ao final do capítulo, após v 40. Estes versículos não tinham lugar seguro no texto. No contexto atual, o texto constitui um corpo estranho; interrompe a questão da profecia, que será retomada no v 37. Excluído, o texto não faria falta. “Possivelmente a palavra *sigato* (fique calado) [...] no v 28 e 30 e repetida em relação às mulheres no v. 34, motivou a inclusão”<sup>132</sup>. É provável que se trate de adendo posterior. Pois “há sinais de ativa participação das mulheres no movimento de Jesus e na missão da Igreja primitiva”<sup>133</sup>. Paulo destaca incansáveis batalhadoras na divulgação do evangelho. O espaço das mulheres foi se restringindo à esfera privada no processo de acomodação das comunidades ao ambiente cultural. Além disso, falta o argumento teológico.

“Argumento realmente teológico é a igualdade de homem e mulher em Cristo (Gl 3,28), que resgata o propósito original de Deus ao criar o ser humano à sua imagem (Gn 1,26s). É uma

---

<sup>131</sup> FOULKES, “Em vista de que este parágrafo flutuante não encaixar [...] em nenhum dos dois lugares onde aparecem nos manuscritos, se contempla a possibilidade de que não fora originalmente parte do capítulo”. p 379-380. “Tradução nossa”.

<sup>132</sup> BRAKEMEIER, p. 187.

<sup>133</sup> BRAKEMEIER, p. 188.

igualdade na diferença do gênero com o mandato à parceria e à complementação mútua. Sendo assim, não existe argumento contrário à mulher exercer a profecia”<sup>134</sup>.

#### 4.3.4 - O uso dos dons e recomendações: 14,36-40

Os v. 36-37 dão continuidade ao v. 33 concluem: “el argumento de todo el capítulo sobre el buen orden en el culto con una apelación a la práctica de las iglesias”<sup>135</sup>. Como parte de um corpo, portanto, os coríntios devem atuar coincidindo com o corpo maior. Paulo desafia os “mais espirituais” a reconhecerem (a não ignorar) que os dons vêm do Senhor, a fim de que possam ser reconhecidos (v. 38). A edificação e o amor são fundamentais para o uso dos dons. “Esto quedó establecido en el importante núcleo central de toda esta sección”<sup>136</sup> no c. 13.

Paulo chega ao fim da instrução e “prepara a conclusão (v.39) que consiste em incentivar a busca do dom da profecia, sem reprimir a glossologia. Que tudo aconteça de forma decente, com decoro e ordem (v. 40). “A razão para tanto está no propósito de assegurar ‘a edificação’ da comunidade, que [...] é uma exigência do amor”<sup>137</sup>.

A exortação: “Irmãos” ambicionem o dom da profecia, fecha o esquema que começou no v 1. Em 14, 2-19 Paulo se valeu do critério da edificação dos irmãos para comparar o dom da profecia com o das línguas e demonstrou que a eficácia da profecia. Há desordem também no exercício da profecia. Paulo na segunda seção propõe recomendações para suprir deficiências no uso da profecia e das línguas (14,21-38). No v 20: “sejam maduros em seus critérios”. Levem em conta seus conselhos e zelem pela dignidade e ordem nas assembléias. O v. 37: o profeta ou pessoa espiritual vai reconhecer nas recomendações de Paulo a palavra do Senhor. Quem o ignorar será ignorado (v, 38).

---

<sup>134</sup> BRAKEMEIER, p. 188-189.

<sup>135</sup> FOULKES, “o argumento de todo o capítulo sobre a boa ordem no culto, apela à prática das demais igrejas”. p. 382. “Tradução nossa”.

<sup>136</sup> FOULKES, “Isto ficou estabelecido no importante núcleo central de toda esta seção”, o capítulo 13 p. 383. “Tradução nossa”.

<sup>137</sup> BRAKEMEIER, p. 189.

## 5 – Ênfases Teológica em 1 Coríntios 12 – 14

No capítulo 12 temos a tríade: diversidade de dons, diversidade de ministérios e diversos modos de ação. Paulo nos v. 5-6 expressa: “o Espírito é o mesmo”, “o Senhor é o mesmo” e “é o mesmo Deus que realiza tudo em todos”. Os capítulos 12 e 14 destacam que os dons e ministérios são para a edificação, tanto da pessoa quanto da comunidade, ou seja, de todos. O capítulo 13 destaca outra tríade: fé, esperança e amor, sendo o maior deles o amor.

A tríade da diversidade em Deus fundamenta a diversidade de dons, dos ministérios e serviços. O Espírito distribui os diversos dons à diversidade de pessoas. “É o único e mesmo Espírito” que distribui “os seus dons conforme lhe apraz” (v. 11). Na imagem do Corpo (12,12) há muitos membros, e é assim que acontece também com Cristo: os cristãos são batizados num só Espírito, para todos serem um só corpo e todos beberem de um mesmo Espírito. Deus, o Pai dispõe as coisas segundo a sua vontade. Este Corpo é Cristo: “Vós sois o Corpo de Cristo e sois seus membros, cada um por sua parte” (v. 27). “Mas, Deus dispôs o corpo de Cristo” estabelecendo na Igreja apóstolos, profetas, doutores... Há, pois uma ação complementar e de mútua inter-relação na tríade do Deus Uno e Trino em seu projeto quanto a nós, seres humanos.

O projeto explicitado e defendido nos capítulos 12-14 está centrado na edificação, não só como experiência individual, porém, sobretudo como experiência comunitária, onde há diversidade de dons/ carismas que são compartilhados e/ou interpretados (dom das línguas) “para que todos sejam instruídos e encorajados” (14,31). “Aquele que profetiza, fala aos homens: edifica, exorta, consola [...] Aquele que profetiza edifica a assembléia” (14,3s). Paulo quer preservar a “diversidade cooperante” dos dons e os que são de máximo / maior proveito/ utilidade, os dons mais valiosos que mais contribuem para a edificação. Porém, o melhor caminho para o exercício e a vivência dos carismas é a prática do amor.

O hino capítulo 13 conclui com a tríade, mas simultaneamente destaca que o amor/*agape* permanece na consumação. Paulo cita a fé e a esperança ao lado do amor porque elas repousam no evangelho da morte e ressurreição de Jesus Cristo. A fé se fixa em Deus que despertou o crucificado dos mortos e a esperança alinha-se com o futuro de Deus, da salvação pessoal e de todos os crentes.

### III – MOVIMENTO CARISMÁTICO

#### 1 – Preliminares: Creio no Espírito Santo

Victor Codina, em seu livro “Creio no Espírito Santo - Pneumatologia Narrativa”, após narrar parte da sua trajetória pessoal, assim se expressa:

“Contudo, através desses caminhos e mudanças descobri algo mais profundo: a presença amorosa de um Espírito inteligente, santo, único, múltiplo, amoroso, dedicado, claro e puro, amigo e benfeitor, firme, seguro, sereno, que tudo pode e conhece que penetra os espíritos com sua pureza, que tudo renova e salva; que tudo ilumina com sua luz sem ocaso e com sua beleza imarcescível (cf. Sb 7,21-29). Essa sabedoria mais preciosa do que as riquezas da terra, em comparação com a qual é areia e barro, é o tesouro inesgotável da minha vida, que amei mais do que a saúde e a beleza (Sb 7,7-17). O Espírito do Senhor, o dedo de Deus está aqui (cf. Ex 8,15; Lc 11,20)”<sup>138</sup>.

O Espírito do Senhor é o “agente de comunhão e de vida, fonte de perdão e de ressurreição”<sup>139</sup>. É através de sinais descobrimos sua presença e, assim constatamos a forte vivência do Espírito no primeiro milênio e que passou ao esquecimento no segundo. O Espírito vivificador dá vida e “floresce na Igreja” segundo Hipólito e, sem Ele “não há vida divina, nem Igreja e nem ressurreição”. Através Dele “chega-se à misteriosa nascente do Espírito no Mistério Trinitário”<sup>140</sup>. Ele “permite a inculturação, o princípio da pluralidade e de comunhão numa mesma fé”<sup>141</sup> e, recebe e acolhe tudo o que é bom ao corpo eclesial.

No segundo milênio, o Espírito do Senhor não deixou de dar vida ao cristão, nem de produzir frutos de santidade. Porém a separação entre a mística e a especulação teológica, permitiu o cristomonismo com graves conseqüências para a igreja. Contudo, o Espírito

---

<sup>138</sup> CODINA, Victor. *Creio no Espírito Santo: Pneumatologia Narrativa*. 1994, p. 20.

<sup>139</sup> CODINA, p. 21.

<sup>140</sup> CODINA, p. 37.

<sup>141</sup> CODINA, p. 37.

suscitou o movimento profético que manteve viva sua presença e, com vigor, aflorou no Concílio Vaticano II, com o retorno à pneumatologia dos primeiros séculos. Foi à voz do Oriente que “ressoou no Concílio Vaticano II e tornou a Igreja mais católica e ecumênica”<sup>142</sup>. A recuperação pneumatológica deve-se à Igreja Irmã do Oriente, porque ela se manteve fiel à “tradição pneumatológica da igreja primitiva”<sup>143</sup>.

Na história sempre houve “períodos tranquilos e tempos de crise e de mudança”. Assim, nos anos anteriores ao Vaticano II do “tempo tranquilo” pré-moderno, passou-se ao paradigma moderno nos anos pós Concílio. Agora vivemos tempos de interrogações e crises a “anunciar o surgimento de outra nova matriz teológica”<sup>144</sup>. No interior da modernidade ocidental surgiu a pós-modernidade. Esta oferece uma estetização da vida, ética individualista, um leque de valores, busca da privacidade, aproxima a ‘onipresença da mídia’, cansada da metafísica e da “insuportável leveza do ser”<sup>145</sup>. As entranhas da modernidade encerram os germens da pós-modernidade que significa a profunda crise em que a modernidade entrou. Crise presente no Ocidente e Oriente. Tudo isso “influi de modo irreversível nas sociedades de hoje”<sup>146</sup>.

O acaso das ideologias gera “um despertar da dimensão religiosa, uma revalorização do sagrado”<sup>147</sup> uma resposta à situação de incerteza e vazio, de sentido para a vida e do religioso de forma não institucional. Todas as Igrejas se sentem desconcertadas ante os “novos movimentos religiosos”: coesos, eles possuem liberdade de estruturar-se. Outros buscam no misticismo, na gnose, no hermetismo, aceitando doutrinas orientais e sincréticas, numa mescla de reencarnação, cabala, astrologia, ritos africanos, espiritismo e outros. A nova era será de reconciliação total, com consciência cósmica universal e um contato direto com o absoluto, sem mediações históricas ou institucionais. Encontramo-nos “diante de um grande desafio para cristianismo de nossos dias, que busca [...] fontes de alento e de gozo e deseja construir um mundo melhor, mas não sabe como fazê-lo”<sup>148</sup>.

---

<sup>142</sup> CODINA, p. 67.

<sup>143</sup> CODINA, p. 70.

<sup>144</sup> CODINA, p. 19.

<sup>145</sup> CODINA, p. 127.

<sup>146</sup> CODINA, p. 133.

<sup>147</sup> CODINA, p. 133.

<sup>148</sup> DANEELS, G. 1990. apud CODINA, p. 136.



Após o Concílio Vaticano II, entre outros fenômenos, constatamos que um grupo nos Estados Unidos “experimenta de forma viva a presença do Espírito em suas vidas”<sup>149</sup>, como as comunidades protestantes o tinham sentido. Este fenômeno constitui o germe do “Movimento Carismático” ou “movimento de renovação”, que, a partir daí, se estende pelos Estados Unidos, pela Europa e América Latina e pelo mundo. Constitui um dos movimentos mais fortes e, conforme alguns, “é o maior e mais positivo fruto do Vaticano II”<sup>150</sup>. Nele a experiência do Espírito, chamado “batismo do Espírito” vem acompanhada de fenômenos espetaculares, como falar em línguas e realizar curas. Os participantes afirmam terem experimentado a “liberdade do Espírito, o dom da salvação, um novo nascimento pelo Espírito [...] a fé viva, a penetração na Palavra, a pertença a uma comunidade do Senhor [...] e se sentiram renovados, convertidos, transformados, regenerados e cheios de alegrias e de gozo”<sup>151</sup>.

## 2 – Renovação Carismática Católica (RCC)

A RCC teve origem nas experiências espirituais do “Fim de semana de Duquense”. Vinte e cinco jovens universitários reuniram-se para orar e estudar a Bíblia, no centro de retiros “The ark and the dove”, região de North Hills, Pittsburg, Pennsylvania nos Estados Unidos. A partir deste encontro, que teve como tema os Atos dos Apóstolos, o catolicismo conhece “uma nova dinâmica espiritual, caracterizada pela presença do ‘Espírito Santo’”<sup>152</sup>. O movimento carismático conta sua história e relata o fato:

“Reunidos, então, na capela de North Hill, dia 18 de fevereiro de 1967, sábado, começaram a orar, cantar e pedir a vinda renovada do Espírito Santo em suas vidas. Durante as cinco horas em que estiveram prostrados diante do sacrário, alguns jovens sentiram sua fé transformar-se de intelectual para praticante”<sup>153</sup>. (...) “Uns sentiram que o amor de Deus por eles era tão intenso, que não podiam senão chorar; outros sentiam um imenso calor a passar, como fogo, pelos braços e mãos; outros sentiam ruídos na garganta e formigues na língua, outros falam de louvores gozosos que saíam de seus lábios, de um encontro

---

<sup>149</sup> CODINA, p. 136

<sup>150</sup> RATZINGER. apud CODINA, p. 137.

<sup>151</sup> CODINA, p. 137.

<sup>152</sup> GABRIEL, EDUARDO. *A expansão internacional do Catolicismo Brasileiro*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. *Análise Social*, vol. XLIV (1.º), 2009, p. 193.

<sup>153</sup> GABRIEL, p. 193.

peçoal com Jesus como Senhor, de júbilo e alegria intensa, da presença do Espírito como um fogo devorador, de ânsias de oração e de ler a Palavra de Deus”<sup>154</sup>

Hoje, em todo o mundo, a dinâmica carismática católica reproduz a experiência de Duquense, conhecida como “Batismo no Espírito Santo”. Na trajetória de mais de quarenta anos, o RCC tem ocupado espaço importante e simpatia no interior da Igreja. Em seu estudo sobre o movimento, Carranza aponta a existência de 40 milhões de adeptos no mundo, 270 mil grupos de oração em 140 países e, destes, 30% na América Latina. No Brasil, a RCC chegou em 1969 ao núcleo de Campinas SP, “através dos padres Jesuítas Harold Rahm e Eduardo Dougherty”<sup>155</sup>.

O período de maior crescimento do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC) ocorreu na segunda metade da década de 1990, quando ganha “visibilidade nos meios de comunicação social”<sup>156</sup>, graças aos canais de rádio e TV própria e através de programas religiosos e grandes eventos de massa. Carranza (2000) analisa a trajetória da RCC no Brasil e destaca a significativa presença nos anos 70, sua consolidação institucional e sua difusão nos anos 80 pelo território nacional, seu avanço nos meios de comunicação social nos anos 90, com espaço na mídia. A RCC brasileira passa a expandir-se a outros países a partir do ano 2000. Seu crescimento obedece a lógicas consolidadas do catolicismo no cenário nacional, gerando significativas disputas de forças no campo religioso dentro da Igreja Católica. A RCC avança e ganha adeptos da grande massa de católicos, mesmo sendo alvo de divergências e ser vista com desconfiança por parte da hierarquia, por teólogos e intelectuais.

Em 1998, Prandi afirma que são quase “14% de católicos cujos parâmetros são CEBs, RCC, Equipes de Nossa Senhora etc., que implica a idéia de conversão, de reorientação religiosa”<sup>157</sup>. Os “grupos de oração” constituem a base de organização e, “podem ser interpretados como espaços religiosos que permitem ao fiel uma ‘satisfação espiritual’,

---

<sup>154</sup> MATA, V.B. 1999, *Como um Vendaval: o Renovamento Carismático*. LISBOA, Pneuma p.53-68. apud GABRIEL, p.193.

<sup>155</sup> CARRANZA, B. 2000. *Renovação Carismática Católica: Origens, Mudanças e Tendências*. Aparecida, Editora Santuário. Apud. GABRIEL, p. 193.

<sup>156</sup> MARIZ, CECÍLIA L. 2004. p 172. – *A Renovação Carismática Católica no Brasil: uma revisão da bibliografia* in Donizete Rodrigues (org). *Em Nome de Deus: A Religião na Sociedade Contemporânea*, Porto, Edições Afrontamento, p 169-183. apud GABRIEL, p. 194.

<sup>157</sup> PRANDI. 1998. p. 14. apud GABRIEL, p. 194.

desligando-se do mundo material”<sup>158</sup>. Este aspecto gera “oposição ao catolicismo de engajamento social e luta política das comunidades eclesiais de base (CEB), orientadas pela teologia da libertação”<sup>159</sup>.

A RCC se caracteriza “como movimento leigo e independente em relação à estrutura da Igreja”<sup>160</sup>. Contudo, as reflexões eclesiais sublinham que os grupos de oração e seus líderes, para dirigirem com sabedoria sua missão no mundo, “devem manter estreita comunhão com a Igreja e seus pastores designados”<sup>161</sup>. Oliveira define a RCC “como um movimento de oração: as pessoas se encontram para orar”<sup>162</sup>, com ênfase especial à oração de louvor. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) publicou em 1994 as “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”. O documento orienta que no movimento:

“Dê-se especial importância à formação bíblica, que ofereça sólidos princípios de interpretação (36) [...] não se introduzam elementos estranhos à tradição da Igreja (40) [...] evite-se alimentar um clima de exaltação da emoção e do sentimento, que enfatiza apenas a dimensão subjetiva da experiência da fé (49) [...] não se incentive a chamada oração em línguas (62) [...] evite-se a prática do assim chamado repouso no Espírito (65) [...] quanto ao poder do mal, não se exagere a sua importância (67)”<sup>163</sup>.

As orientações expressam a solicitude pastoral do episcopado que acompanha a RCC, seu carisma e pluralismo, preocupada com os desvios ocorridos, prejudiciais à RCC e à Igreja (69) e, incitam a “um ponto de partida para uma nova e mais fecunda etapa” (70) de busca de maior integração na Igreja conforme “as diretrizes gerais da ação Pastoral da Igreja no Brasil”(70)<sup>164</sup>. Essas recomendações limitam práticas mágicas que significariam um contato maior com o sobrenatural. A CNBB busca manter o controle sobre a pastoral e o culto. Contudo, a postura destemida do católico carismático é inegável, pois os que participam dos grupos de oração encontram a resposta religiosa às aflições cotidianas e, re-elaboram seu ver e agir na sociedade. Orientar-se de forma destemida pela identidade no Brasil requer um

---

<sup>158</sup> CARRANZA, 2000, p 50. apud GABRIEL, p. 194.

<sup>159</sup> GABRIEL p 194-195.

<sup>160</sup> PRANDI, 1998, p. 52. apud GABRIEL, p.195.

<sup>161</sup> CORDES, D. Paulo Josef. 1999 p 74. apud GABRIEL, p. 195.

<sup>162</sup> OLIVEIRA, p.a.r. (1978), *Renovação Carismática Católica – uma Análise Sociológica: Interpretações Teológicas*, Petrópolis: Vozes, p. 20. apud GABRIEL, p. 195.

<sup>163</sup> CNBB, 53. 1994.

<sup>164</sup> CNBB, 53. 1994.

confronto pessoal, pela convicção e “como testemunha da ação do Espírito Santo na sua vida”<sup>165</sup> ante o campo religioso plural e o laico no qual dominam o aborto, o homossexualismo, as drogas, a prostituição e as separações... Os censos de 1991 e 2000 demonstram que a Igreja Católica perde a hegemonia, sendo a RCC “o único movimento religioso da Igreja Católica que consegue aglutinar, através de eventos massivos, suas camadas populares”<sup>166</sup>.

Antoniazzi explica que “a diminuição da porcentagem dos católicos está associada ao rápido crescimento populacional (migrações) e à lentidão ou insuficiência da resposta pastoral da própria Igreja a esse fenômeno demográfico”<sup>167</sup>. Prandi alega que o Catolicismo “foi ficando cada vez mais desinteressado de oferecer orientação para a vida cotidiana, sofrendo profundo esvaziamento axiológico”<sup>168</sup>. No cenário contemporâneo, a expressão do sagrado já não passa pela exigência da ética e da transformação do mundo.

Segundo Peter Berger, “a religião serve para manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas”<sup>169</sup>. A RCC deve levar em conta a configuração religiosa brasileira e sua dinâmica espiritual. O cenário religioso do século XXI apresenta uma realidade contraditória que admite todos os medos e todas as esperanças e as instituições religiosas sobrevivem num meio onde já não se evidenciam as definições de realidade. A RCC, ancorada nos meios de comunicação social, conquista espaço de visibilidade religiosa, centrada na devoção à Virgem Maria, que confere “universalidade e status hegemônico às comunidades carismáticas”<sup>170</sup>.

O projeto religioso do “retorno missionário” utiliza o recurso dos meios de comunicação ao qual cabe um balanço de seu desenvolvimento no contexto brasileiro. A presença nos meios de comunicação social significa importantes fontes para a difusão da evangelização carismática. Na mídia, a RCC ocupa espaço desde a década de 90, quando surgiram no Brasil os canais católicos: a Rede Vida, a TV Canção Nova e a Século XXI. Carranza, ao analisar a Rede Vida e a RCC, afirma:

---

<sup>165</sup> GABRIEL, p. 195.

<sup>166</sup> CARRANZA, 2000, p. 50. apud GABRIEL, p. 196.

<sup>167</sup> ANTONIAZI, 2004, p. 402. apud GABRIEL, p. 196.

<sup>168</sup> PRANDI, 1998, p. 22. apud GABRIEL, p. 196.

<sup>169</sup> BERGER, 1985, p. 55. apud GABRIEL, p. 196.

<sup>170</sup> GABRIEL, p. 196.

“Ambas têm um público alvo, o católico; ambos têm uma carga moralizante, catequética, doutrinária e litúrgica nos seus programas; ambos se reconhecem como o braço leigo da Igreja nas estruturas do mundo e ambos assumem sua presença na mídia como uma missão evangelizadora”<sup>171</sup>.

Os primeiros contatos se deram na transmissão da missa dominical em emissoras leigas, segundo Ralph Della Cava e Paula Montero (1991). A transmissão da missa dominical resume o embate ideológico; “no início era realizada como um prolongamento da celebração no templo [...] se transforma um ‘novo’ rito”<sup>172</sup>. A TV Canção Nova detém significativa presença e, nos acampamentos de oração e, ao transmitir tudo o que acontece transforma os “grupos de oração” e/ou as pessoas que os assistem em participantes e em auditório.

O projeto de religiosidade carismática brasileira conecta a “um novo jeito de ser” pelo qual as pessoas possuem “um novo mundo ao seu alcance”<sup>173</sup>; constituem parte de um slogan de marketing religioso “Ser Canção Nova é bom DE MAIS”<sup>174</sup>, que lhes assegura lugar e poder no campo religioso. A partir da articulação destes elementos, o batismo no Espírito Santo caminha para a proposta de distinguir entre o já disponível o “mundo novo” e a garantia de satisfação na aquisição do que é “bom demais”.

A aproximação entre catolicismo brasileiro e o português (pela Canção Nova no Santuário de Nossa Senhora de Fátima) ocupou-se em elaborar a “oração do Espírito”, a fim de enfrentar as tensões da sexualidade/ na esfera erótica, concorrente com a religião. Na sede de Cachoeira Paulista, ouve-se “expressões de louvor e oração em defesa da castidade, do controle da sexualidade, do namoro santo e da virgindade”<sup>175</sup>. Estas orientações provêm do fundador, Pe. Jonas Abib e de outros líderes. A sexualidade não pode ser profanada e nem o “matrimônio em Deus”.

Podemos observar outras manifestações deste batismo do Espírito: “Os encontros de oração carismática começam com um abraço ao irmão que está atrás, o aperto de mão a quem

---

<sup>171</sup> CARRANZA, 2000, p. 280. apud GABRIEL, p.197.

<sup>172</sup> DELLA CAVA, RALPH e MONTERO, PAULA, 1991. *E o Verbo se fez imagem: Igreja Católica e os Meios de Comunicação no Brasil – 1962-1989*, Petrópolis, Vozes. p. 222. apud Gabriel p 197..

<sup>173</sup> GABRIEL, p. 203.

<sup>174</sup> GABRIEL, p 203.

<sup>175</sup> GABRIEL, p. 203-204.

está à frente, um sorriso à pessoa que está ao lado”<sup>176</sup>. São formas de perceber a presença do outro e ser percebido, são gestos que precedem a vinda do Espírito Santo. “O que você vai entregar ao Senhor nesta noite? (...) Meu irmão, minha irmã, você que se sente fraco, que se sente esgotado (...) só por ter sido abandonado por seus familiares, seus amigos, pede o Espírito Santo, vem Espírito Santo me transformar”<sup>177</sup>. Outra missionária, quando estava possuída pelo Espírito Santo, diz: “Jesus vai curando a prostituição em você que está aqui hoje, eu sinto muito forte isso”<sup>178</sup>. Isto só pode acontecer quando a pessoa é remetida ao cotidiano e, por isso, a pregadora insiste no “pedir todos os dias”.

A Canção Nova em Portugal constitui via de dois sentidos entre o cotidiano e o sublimado além do cotidiano em que transitam o Espírito Santo e a prostituição, sendo esta “como uma metáfora que traduz a condição dos que estão debilitados, fragilizados, abandonados ou esgotados”<sup>179</sup>, o que propicia uma dinâmica religiosa pessoal intimista. A Canção Nova instalou-se em “uma região com alma” (Região turística de Leiria/ Fátima) onde se situa o santuário de Fátima, no centro simbólico do catolicismo português de onde se difunde no país e expande para o mundo modelos e práticas.

Oliveira<sup>180</sup> analisa o Catolicismo dizendo: No Brasil plural, temos quatro formas de catolicismo: duas são anteriores ao Concílio Vaticano II: o de salvação individual e o catolicismo popular, e duas são posteriores ao Vaticano II, em diálogo com o mundo: o Catolicismo da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a Renovação Carismática. Nestas duas ele reconhece a vitalidade da Igreja do Brasil de hoje, e enfatiza o caráter messiânico da primeira, enquanto a segunda se aproxima à Nova Era. Elas expressam a contradição dialética de hoje, que tem sua raiz nas estruturas de vida regida pelo mercado.

O catolicismo das CEBs e da Renovação Carismática constituem as formas do catolicismo em contradição dentro da Igreja do Brasil. Trata-se de um catolicismo de natureza plural, pois seus símbolos, significados, sacramentos permitem uma variedade de interpretações e de práticas. P. Sanchiz evidencia esta natureza dizendo: “Tensão estrutural

---

<sup>176</sup> GABRIEL, p. 205.

<sup>177</sup> GABRIEL, p. 205.

<sup>178</sup> GABRIEL, p. 205.

<sup>179</sup> GABRIEL, p. 205.

<sup>180</sup> OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Artigo: *O Catolicismo: das CEBs à Renovação Carismática* p 823-835 REB

entre utopia e topia, o catolicismo oscila entre a primazia de um ou outro pólo [...] Mas ao mesmo tempo [...] ele está suspenso ao seu próprio mito fundador que, enquanto ‘católico’, inclui também a Igreja visível”<sup>181</sup>. O autor sugere que “a possibilidade de coexistência de diferentes catolicismos no interior da Igreja advém [...] de sua historicidade”<sup>182</sup>, pois quando o contexto social impõe mudanças, abre-se um período da coexistência “do não coetâneo” na comunidade católica. Sua complexidade de estrutura combina, por um lado, autonomia na base e centralismo na cúpula e, por outro, a dimensão carismática da vida religiosa com a rotina institucional do clero, o que favorece espaços religiosos: novidades “não vistas”, toleradas a experiência e, por fim assimiladas ou banidas. Há, pois, uma dialética de conflito entre forças que se chocam ou se negam até uma superar a outra e gerar uma nova síntese. Podemos nos perguntar: Entre os catolicismos da Renovação Carismática e das CEBs; qual o cerne da contradição? A resposta poderá indicar o caminho do catolicismo no terceiro milênio.

Nos anos 70 e 80 sobressaiu o catolicismo da libertação, que se caracterizava pelo messianismo: como Deus libertou os hebreus do poder de Faraó, Jesus Cristo hoje liberta os pobres da opressão. Deus age na história “sempre que os pobres se organizam e lutam por seus direitos”<sup>183</sup>. A Bíblia constitui o principal acesso a Deus que favorece a junção de fé e vida nas Comunidades Eclesiais de Base - CEBs. Se este catolicismo representa a abertura da Igreja ao mundo dos pobres, “a Renovação Carismática (RC) representa o esforço mais bem sucedido de abertura ao ‘mundo moderno’ (ou pós moderno)”<sup>184</sup>. Quase ao mesmo tempo das CEBs, chegam ao Brasil “os primeiros mensageiros de uma nova forma de catolicismo”<sup>185</sup>, inspirados nos movimentos pentecostais norte-americanos. Eles tomaram o lugar de movimentos de “reavivamento espiritual”, dos Cursilhos de Cristandade, dos grupos de jovens e de casais.

### **3 - As raízes vêm de longe e se diversificam**

Gary A Gilley, no artigo “A História do Movimento Carismático” de 23/02/2012, assim se expressa: “Conquanto o Movimento Carismático tenha proliferado no século 20,

---

<sup>181</sup> SÁNCHEZ P, *As Religiões dos Brasileiros*, em Horizonte, 1997, 28-43. apud Oliveira, p. 825.

<sup>182</sup> OLIVEIRA, p. 825.

<sup>183</sup> OLIVEIRA, p. 829.

<sup>184</sup> OLIVEIRA, p. 830.

<sup>185</sup> OLIVEIRA, p. 830.

idênticas ‘visões’ e manifestações podem ser traçadas a certas ocasiões da história”<sup>186</sup>. O falar em línguas durante um êxtase religioso era conhecido nos tempos antigos. Há registros de linguagem extática desde o século XI antes de Cristo no Egito, mais tarde no mundo grego quando profetisas falavam línguas estranhas; a mesma prática encontramos entre as religiões romanas de mistério. Vários antigos pais da Igreja mencionam a glossologia na Igreja: Irineu e Tertuliano (200) foram favoráveis ao fenômeno; Crisóstomo (400) o desaprova e Agostinho (430) declara ser este dom apenas do Novo Testamento. O Movimento Montanista no final do séc. II incluía profetisas, aprovava revelações, a glossologia e a visão ascética e legalista; depois o falar em línguas rareou. A Idade Média registra o falar em línguas em alguns mosteiros da Igreja ortodoxa; no séc. XVII, entre os huguenotes (protestantes) e os jansenistas (católicos pietistas). Os Quakers e os Mórmons praticam a glossolalia, bem como os seguidores de Edward Irving, que entendeu ser ela “o derramamento final do Espírito Santo”<sup>187</sup>. Gilley sugere que vem à mente das pessoas que o carismatismo constitui-se de:

“Um grupo de pessoas famintas pelo Senhor; andando no poder do Espírito, espirituais na adoração, agressivas no evangelismo e abundantes no amor. Outros vêem os carismáticos como indivíduos orientados para a experiência, imperialistas na aparência, elitistas no posicionamento, descontraídos na adoração e afastados de um exato discernimento bíblico”<sup>188</sup>.

O Movimento Carismático cresceu rápido e se diversificou bastante. A maioria dos críticos e carismáticos professos proclamam que o “Movimento Carismático está acabando e que um novo ‘mover de Deus’ está chegando”<sup>189</sup>. Muitos usam e abusam do AT, das promessas dirigidas a Israel; espiritualizam o conteúdo com o fim de “engodar os crentes” iletrados e conseguir fama, fortuna e domínio espiritual.

A maioria defende o Movimento Carismático de Restauração, que gera uma pressão sobre os líderes com o fim de obter “novas revelações e verdades espirituais mais profundas”<sup>190</sup> e inventam revelações e profecias, lorotas, recheando o cardápio teológico de idéias e ensinamentos novos e práticas esdrúxulas. Mesmo tendo diferenças básicas, os novos

---

<sup>186</sup> GILLEY, GARY A. *A História do Movimento Carismático*. Traduzido por Schultze, Mary, em 21/06/2008. [www.cpr.org.br/Mary.htm](http://www.cpr.org.br/Mary.htm) p. 1.

<sup>187</sup> GILLEY p. 1.

<sup>188</sup> GILLEY p. 2.

<sup>189</sup> GILLEY, p. 2.

<sup>190</sup> GILLEY, p. 2.



carismáticos têm a mesma visão teológica: restauração dos apóstolos e profetas e a direção escatológica. Proclamam que um “novo mover sobrenatural do Espírito de Deus”<sup>191</sup> está varrendo o globo terrestre. Todo o curso da história será mudado. Para isto, as igrejas cristãs precisam se unir e, um dos objetivos é a transformação dos carismáticos e não carismáticos em “novos carismáticos”, para que todos experimentem o “novo mover” do Espírito Santo e, unidos, transformem sobrenaturalmente o mundo. Temos a igreja mundial delineada, com apostasia galopando confundida com “reavivamento”<sup>192</sup>.

#### 4 - Pentecostalismo: origens

Ao localizar sua origem na história, devido à multiplicidade de raízes, só podemos falar em “pentecostalismos”<sup>193</sup>. Walter Hollenweger (1999, p 33 e segs.)<sup>194</sup> chama atenção para o impacto da cultura africana, protestante, católica e indígena sobre a maneira de realizar e recompor crenças e práticas cristãs num novo contexto. Seymour<sup>195</sup> foi capaz de fazer a síntese, catalisar e descobrir as raízes africanas do movimento pentecostal. Por isso valoriza as raízes diversas do pentecostalismo. A ênfase na magia, cura, crença nos maus espíritos sinalizam raízes indígena; as raízes católicas teriam percorrido o caminho da tradição anglicana por John Wesley. As raízes do pentecostalismo moderno têm origem metodista, enquanto catolicismo popular brasileiro gerou a IURD. As raízes negras africanas provêm de Seymour, filho de africanos, o que em Azusa Street provocou a explosão pentecostal em 1906. Elas contribuíram com vários elementos, como a oralidade na liturgia, uso do corpo no culto, dramaturgia, coreografias e muita música, a inclusão de êxtase, sonhos e visões na adoração pública bem como a unidade corpo/alma, corpo/mente. O conflito de negros com os brancos gerou a Assembléia de Deus.

William Joseph Seymour nasceu em Centerville, Louisiana, de ex-escravos; foi batizado na Igreja Católica. Na adolescência se tornou Batista e, aos 25 anos emigrou para Indianápolis (1895) e, se tornou membro da Igreja Metodista Episcopal, uma congregação negra. Tempos depois, Seymour se mudou para Houston, se uniu aos *holiness*, frequentando uma igreja pastoreada por uma mulher, que deixou Seymour como seu sucessor. Em

---

<sup>191</sup> GILLEY, p. 2.

<sup>192</sup> GILLEY, p. 3. Os “novos carismáticos” são Pentecostais da prosperidade (apóstolos...).

<sup>193</sup> CAMPOS, LEONILDO SILVEIRA. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, set/nov. 2005.

<sup>194</sup> CAMPOS, p. 113.

<sup>195</sup> CAMPOS, p. 113.

dezembro de 1905, Parham transferiu a sua escola bíblica para Houston, onde Seymour assistia às aulas, assentado em uma cadeira colocada para ele no corredor, por causa do racismo de Parham, conforme registram Burgess e McGee (1995, p. 780). Data daí a sua ligação com as teorias e práticas pentecostais divulgadas por Parham. Seymour iniciou o seu ministério em Los Angeles e, sua atuação encontrou forte oposição tanto por parte da imprensa (10) quanto das igrejas protestantes tradicionais. “Os instrumentos de salvação” geravam oportunidade a novos empreendedores religiosos. Havia condições sociais para os simples se tornarem líderes e celebridades religiosas/ novos produtores religiosos, O sucesso de Seymour se deve por ele se apresentar como um “profeta que tem êxito”, que “consegue dizer o que é para dizer” e, porque, catalisa a crise da religião tradicional indicando novos caminhos.

Seymour a partir de Chicago propôs a solução teológica das três etapas: conversão, santificação e batismo com o Espírito Santo. O fanatismo atraía pobres, ignorantes e tolos ao templo situado no nº312 da Azusa Street. Cartazes nas ruas da cidade os satirizavam como “santos roladores”, “santos puladores” e “santos chutadores”.

## **5 – Em busca do equilíbrio na Espiritualidade**

Irene Foulkes disse haver pessoas para as quais a fala em línguas constitui a única maneira de comunicação com Deus. Pela fala ininteligível, muitas pessoas expressam o mais íntimo ou o oculto de si mesmo. A autora, portanto, dá vez e voz às pessoas, da mesma forma que hoje outros/as em suas práticas terapêuticas incentivam a fala e/ou o grito da libertação das suas emoções e perturbações. Permitir e acolher esta forma de expressão constituiu ajuda às pessoas que necessitam ou carecem dela para o alívio e cura psicológica, emocional e espiritual. Paulo remete o “falar em línguas” ao âmbito privado. Concluímos a respeito da questão que nos movimentos carismáticos e /ou pentecostais esta expressão tenha espaço em celebrações ou momentos específicos, evitando-se o constrangimento a quem não condiz esta espiritualidade. Paulo resolveu a questão no arranjo que construiu no texto, garantindo a edificação da comunidade sem negar o direito à edificação da pessoa.

Ao destacar a tríplice ação de Deus em 1Cor12, 4-6, Paulo parece propor uma “espiritualidade trinitária” aos discípulos e discípulas de Jesus Cristo. No Deus Uno e Trino, a unidade e a diversidade fundamentam a diversidade das expressões e manifestações dos

seguidores de Jesus. Jamais podemos esquecer da Trindade, ou mesmo de alguma das pessoas da Trindade, porquanto somente ELA garante o equilíbrio na Espiritualidade.

O abade calabrés Joaquim de Fiore, no século XII, soube pensar historicamente a Trindade e, a partir da Trindade, a história. Frente ao fato, podemos afirmar que em períodos em que a espiritualidade do Espírito se sobrepôs à do Pai e à do Filho (ou vice-versa) ou se centrou numa das pessoas da Trindade, houve desequilíbrio na espiritualidade e na vida cristã. O reencontro da dimensão trinitária significa o retorno do equilíbrio espiritual. Portanto, alimentando/ sustentando a consciência da ação do Deus Trino, reencontraremos o equilíbrio no contexto do mundo moderno, carismático e pentecostal.

Há buscas quanto ao reencontro com Deus Trindade. Porém como superar o subjetivismo e a alienação de si mesmo e a liquidez, próprios da modernidade e pós-modernidade? Como retornar ou reassumir a solidariedade para com os irmãos / irmãs sem escandalizar os frágeis? Pastoralmente, Paulo reconduz os coríntios ao cristianismo. O mais apreciado dentre os diversos dons, o das línguas, por si só não constitui fenômeno cristão. Ao trabalhar a questão em 1 Cor 12-14, Paulo parte do conflito em Corinto e conclui com a ressurreição, realçando a tríade: fé, esperança e amor. Desta forma ele apela à comunhão com o Senhor e com os irmãos. A preocupação fundamental constitui-se pela solicitude em relação aos fracos e frágeis e, por isso, nos capítulos 12-14, Paulo insiste na edificação da comunidade, sem desconsiderar a edificação da pessoa.

Paulo supera em sua proposta a centralidade do cuidado de si mesmo, direcionando-o ao bem coletivo da comunidade. Tem como regra suprema o amor/ caridade ou *agape*, ao qual dedica todo capítulo 13, caracterizando o que ele é e o que ele não é. De fato, em Corinto está muito presente o que ele não é e, de forma semelhante, também na sociedade atual em que impera o subjetivismo. Por isso, também hoje precisamos realçar o dom maior na prática cotidiana, na sociedade, no viver/existir pessoal e social em vista do definitivo (capítulo 15), a razão da nossa esperança: vivenciar os dons/carismas do Espírito em *agape*.

## **6 – Concluindo**

Já mencionamos que Oliveira, em seu artigo “O Catolicismo: das Cebes à Renovação Carismática” identifica quatro catolicismos, dois dos quais posteriores ao Concílio Vaticano

II: o Catolicismo da Libertação - CEBs de caráter messiânico, e a Renovação Carismática, que se aproxima da “Nova Era”. Ela expressa a contradição dialética que tem suas estruturas de vida regidas pelo mercado. Esta constatação clama pela necessidade urgente de empenho em construir um equilíbrio entre estes dois tipos de catolicismos. É possível que o estudo contextualizado da Bíblia e a espiritualidade bíblica possam fazer frente às estruturas do mercado, ainda mais quando se constata que há lacunas nos movimentos pentecostais quanto à leitura Bíblica. Apostamos que os grupos de leitura, estudo e espiritualidade bíblica possam fazer a diferença à semelhança do “grão de mostarda”. Igualmente é importante criar oportunidades de estudo e aprofundamento, aproveitar todos os demais “espaços” disponíveis e possíveis a partir dos apelos da realidade e dos desafios do dia a dia.

Tudo isto pode ser ancorado em profetas dos nossos tempos, que mostraram ao mundo seus dons e carismas especiais em apoio, defesa e sustentação da vida dos desprovidos, das causas sociais e eclesiais. Assim foi Irmã Dulce, proclamada pela sociedade como a “mãe dos pobres”<sup>196</sup>. Para salvar vidas humanas que estavam a um fio da esperança, ela criou um orfanato, um asilo e um hospital, a fim de atender a milhares de pessoas em suas urgentes necessidades. O filme: “O Amor que cura”<sup>197</sup> mostra Giuseppe Moscate, um médico admirado na Itália, pelo trabalho com os pobres no final do século XIX e início do século XX. Ele é um dos leigos a ser canonizado pela Igreja Católica. O filme conta sua trajetória no tratamento de pessoas contaminadas pela epidemia de cólera, das vítimas da erupção do vulcão Vesúvio e nas investigações que levaram à descoberta da insulina na cura das diabetes.

Um terceiro exemplo a ser considerado é Dom Helder Câmara <sup>198</sup> que, por sua postura, vida e ação é: mestre da paz e da justiça, pai dos pobres e irmão de João Paulo II, profeta e protetor dos injustiçados. O Documentário apresenta seus enfrentamentos com a ditadura militar, em defesa da causa dos pobres. Como participante do Concílio Vaticano II, Dom Helder gesta junto com outros parceiros, a acolhida do Concílio na Igreja da América Latina. Na última cena: Ele inclina a cabeça em direção a Dom Paulo Evaristo Arns e diz: “Não deixe cair a profecia!”, o dom tão apreciado pelo apóstolo Paulo! Madre Teresa de Calcutá<sup>199</sup>, sua vida e missão se sintetizam em o “Amor em ação”. Foi o que viveu e incutiu

---

<sup>196</sup> DULCE, IRMÃ – a mãe dos pobres [www.irmadulcedospobres.com.br](http://www.irmadulcedospobres.com.br) /Documentário .

<sup>197</sup> MOSCATE - O amor que cura. Acesso: [www.redeaparecida/documentario](http://www.redeaparecida/documentario).

<sup>198</sup> DOM HELDER CÂMARA - [www.redeaparecida/documentario.domheldercamera](http://www.redeaparecida/documentario.domheldercamera).

<sup>199</sup> MADRE TERESA DE CALCUTÁ [www.redeaparecida/documentario.madreteresadecalcuta](http://www.redeaparecida/documentario.madreteresadecalcuta)

na congregação que fundou. Superando qualquer diferença de opção religiosa, dedicou-se totalmente em favor dos deserdados da sociedade. Os carismas são muitos porque as necessidades são diversas e amplas. E enquanto os cristãos seguirem com fidelidade o Espírito do seu Mestre e Senhor, sempre haverá “carismáticos” que, se esquecem em favor dos pobres, marginalizados, injustiçados, excluídos e desorientados da sociedade. Serão sempre crentes e protagonistas a afirmar que um “outro mundo é possível”, e por causa dele disporão seus dons e carismas a serviço.

Valemo-nos das “Considerações sobre as orientações Pastorais da CNBB sobre a RCC”(n.53)<sup>200</sup> Elas se dirigem aos membros, destacam o caráter eclesiológico, reconhecem os frutos dados à Igreja (n.2-3), apesar “dos desvios” (n 69). Orientam o movimento a integrar-se “à riqueza da vida da Igreja” (n.70). Expõe doutrina sobre o Espírito Santo e as orientações Pastorais; as questões que requerem atenção, estudo e sensibilidade. “Destaca a originalidade das missões do Espírito Santo”<sup>201</sup> na vida da Igreja e os carismas em relação à caridade e, que os grupos sejam fiéis ao evangelho de Jesus e “a opção preferencial pelos pobres, sinal da presença do Reino”(n. 51)<sup>202</sup>.

Concluimos dizendo: somos impelidos à solicitude de pastores na Igreja em expressar o mesmo empenho e zelo de Paulo em conduzir, reconduzir e manter os cristãos da Comunidade no seguimento de Jesus Cristo. E, apesar do contraste entre RCC e CEBs, há complementaridade das propostas e práticas entre estas duas formas de ser Igreja,. Elas expressam que pela caridade há a possibilidade de realizarmos a síntese entre fé e vida; superando os perigos do fundamentalismo e do intimismo na leitura da Bíblia e, com sólidos princípios “seja para o dinamismo da fé, seja para iluminar com critérios evangélicos os graves e complexos problemas do mundo contemporâneo”(n.36)<sup>203</sup>.

---

<sup>200</sup> RIBEIRO, ARI LUIS DO VALE. *Considerações sobre as Orientações pastorais da CNBB sobre a renovação carismática católica* RHEMA DEBATES p 48-56.

<sup>201</sup> RIBEIRO, p. 49.

<sup>202</sup> RIBEIRO, p. 50.

<sup>203</sup> RIBEIRO, p. 53.

## CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho sobre o tema carismatismo/pentecostalismo, temos a sensação de ter apenas descoberto o topo de um “iceberg”, pela sua amplitude e profundidade. O estudo possibilitou a descoberta de dados significativos e interessantes. Quanto à cidade de Corinto, além da mescla de povos da bacia do Mediterrâneo, constatamos um contexto diverso do nosso, onde os pobres mais pobres encontram-se até entre os livres, porque muitos viviam em condições piores do que a maioria da população escrava. Os autores registram em Corinto as atividades exuberantes, problemas agudos e o fortalecimento das religiões místicas com a prática do êxtase. Este contexto gesta as diversas turbulências vividas pela comunidade que Paulo enfrentou em Corinto.

Descobrimos igualmente elementos que possibilitam a compreensão do contexto de nossos dias. A matriz que gera o êxtase tem sua origem em intensas migrações, em significativas mudanças quanto à concepção filosófica, sociológica e/ou teológica do ser humano quanto a si mesmo e à sociedade. Tudo isso num contexto de escasso e insuficiente acompanhamento pastoral. A modernidade e pós-modernidade, pela fluidez e liquidez, significam a perda de referenciais e de “de si mesmo”, o que por sua vez desemboca na necessidade de expressão do mais profundo de si mesmo, somente possível no extravasamento do que atormenta e/ou move psicológica e/ou espiritualmente o ser humano. A possibilidade do êxtase ao carismático/ pentecostal propicia o reencontrar-se e conectar-se consigo mesmo.

De fato a perda dos referenciais provoca e/ou exige um reencontro com outros referenciais que os substituam e/ou novos referenciais que os sustentem. A falta impossibilita a existência do ser humano, eis o dilema vivido. Eis o motivo de tanta procura e tanta oferta no “mercado religioso” de nossos dias. O mesmo problema que o apóstolo Paulo enfrentou em outro contexto. Levanta-se, porém a interrogação: o “mercado religioso de hoje” dará conta de suprir as necessidades? Ele o faz de forma satisfatória? E/ou as igrejas cristãs e demais religiões terão que contrapor em outro nível a resposta existencial às necessidades religiosas do ser humano? Paulo, além de disciplinar e orientar quanto à vivência dos carismas,

condiciona as línguas à interpretação para garantir a edificação da comunidade e não somente a edificação individual das pessoas. Aos dons e carismas Paulo contrapôs o projeto da *agape*.

A pesquisa feita possibilita visualizarmos mais claramente algumas perspectivas. Consciente dos problemas geradores do atual contexto nos possibilita uma resposta um pouco mais condizente. Quanto ao trabalho, percebemos que ele aponta tanto para a continuidade da pesquisa quanto para temas complementares. Ativemos-nos a uma contextualização do texto bíblico, ou seja, da cidade e da comunidade cristã da Corinto romana. Consideramos uma experiência muito interessante à descoberta da matriz do êxtase tanto no Oriente quanto no Egito. Tivemos também a certeza da influência do contexto de profundas mudanças políticas, sociais, econômicas e religiosas devido a guerras e, conseqüentemente, da intensa migração provocada por estas calamidades sociais. Percebemos também que bem antes da Corinto romana, o êxtase já constituía uma prática. Além do mais, o fenômeno não se restringe ao período bíblico, sendo identificado em vários outros momentos ao longo da história do cristianismo. Portanto, ele esteve e está presente constituindo parte da trajetória da história humana.

Fizemos uma introdução geral ao pentecostalismo carismático e, especificamente, à Renovação Carismática Católica (RCC). Este fato constitui uma provocação a desvendar também o fato e a história do carismatismo pentecostal nas demais igrejas cristãs históricas e/ou congregacionais. Constitui, igualmente, um desafio à visão geral deste imenso universo pentecostal carismático. Afinal, como entendê-lo mais especificamente? Quem e quantas “ondas pentecostais” existem? Como identificar e/ou distinguir a identidade e a teologia específica de cada uma? Em que contribui e em que aspectos perturbam? Qual a resposta que ventila em sua forma específica de se expressar? Quais as contribuições / seus valores quanto à expressão religiosa e qual a contribuição à humanidade?

Bem ao final do nosso trabalho, tivemos acesso e desvendamos algo a mais em relação a existência de “novos carismáticos”. O livro de Sofiati “Religião e Juventude” têm como subtítulo: Os novos carismáticos. Descobrimos neles também a possibilidade de uma pesquisa mais específica da Canção Nova por ser ela a maior expressão do catolicismo carismático, o que sugere a possibilidade da pesquisa também adentrar por este caminho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBAGLIO, Giuseppe. *As Cartas de Paulo I*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM: nova edição, revista. SOCIEDADE BÍBLICA CATÓLICA internacional e PAULUS . São Paulo. 7ª impressão. 1995.
- BÍBLIA DO PEREGRINO: SCHÖKEL, Luís, Alonso. PAULUS. 2002.
- BÍBLIA - TRADIÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA. TEB Edições Loyola, São Paulo, 1994.
- BÍBLIA SAGRADA. Vozes, Petrópolis. 1989. 9ª edição
- BOSCH, Jordy Sánches. *Escritos Paulinos*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2008.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *A primeira Carta do Apóstolo Paulo à Comunidade de Corinto*. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2008.
- CALCUTÁ, Madre Teresa de, acesso: [www.redeaparecida/documentario.madreteresadecalcuta](http://www.redeaparecida/documentario.madreteresadecalcuta)
- CÂMARA, Dom Helder, acesso: [www.redeaparecida/documentario.domheldercamera](http://www.redeaparecida/documentario.domheldercamera)
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.
- CODINA, Victor, SJ. *Creio no Espírito Santo – Pneumatologia Narrativa*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- DOCUMENTO DE SÍNTESES: *Encontro de pentecostais latino americanos*, Salvador.
- DOCUMENTOS DA CNBB Nº 53 *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. Paulinas 1994
- DULCE, Irmã, a mãe dos pobres. Acesso: [www.irmadulcedospobres.com.br](http://www.irmadulcedospobres.com.br) /Documentário.
- FEE, Gordon D. *Verbetes Dons do Espírito*. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo: Paulus, Edições Vida Nova; Edições Loyola. 2008.
- FOULKES, Irene. *Problemas Pastorales en Corinto*. Comentário exegético-pastoral a 1 Coríntios. San José, Costa Rica: DEI, 1996.
- GABRIEL, Eduardo – *A expansão internacional do catolicismo carismático Brasileiro*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa. 2010. *Análise Social*, vol. XLIV (1.º), 2009, 189-207.
- GILLEY, Gary A. *A História do Movimento Carismático* 2012. Traduzido por Schultze, Mary, em 21/06/2008. Acesso: [www.cpr.org.br/Mary.htm](http://www.cpr.org.br/Mary.htm)



- HAFEMANN, S. J. *Verbetes: Coríntios, Carta aos*. In *Dicionário de Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Paulus. Edições Vida Nova; Edições Loyola, 2008. p 270-289.
- HAWTHORE, Gerald F., MARTIN, Ralph P., REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e suas Cartas. São Paulo*. : Paulus, Edições Vida Nova; Edições Loyola. 2008.1285 p.
- HORSLEY, Richard A. *Paulo e o Império: Religião e Poder na Sociedade Imperial Romana*; São Paulo: Paulus, 2004.
- LA BIBLIA LATINAMERICA. Ediciones Paulinas /Verbo Divino. Quito. 1989. IV edición
- MC KENZIE, John L. *Verbetes Corinto* p. 188-189. In: *Dicionário Bíblico*. Tradução: CUNHA, Álvaro..et al. Revisão Geral: DALBOSCO, Honório. São Paulo: Paulus, 1983.
- MORRIS, Canon Leon. *I Coríntios Introdução e Comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova e Editora Mundo Novo, 1981.
- MOSCATE, o amor que cura. Acesso: [www.redeaparecida/documentário](http://www.redeaparecida/documentário).
- NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR: Grego/ Português. Sociedade Bíblica do Brasil. 2004
- REB (Revista Eclesiástica Brasileira) nº 59 p. 823-825.
- RIBEIRO, Ari Luis do Vale. *Considerações sobre as Orientações pastorais da CNBB sobre a renovação carismática católica* RHEMA DEBATES p. 48-56.
- SODING, Thomas. *A Tríade: Fé, Esperança e Amor em Paulo*. São Paulo: Loyola, 2003.
- SOFIATI, Flávio Munhoz. *Religião e juventude: Os novos carismáticos*. Editora Aparecida; Idéias & Letras; Fapesp; São Paulo. 2011.